

BLUMENAU

em Cadernos



26 ANOS
FUNDÇÃO
CULTURAL
DE BLUMENAU

TOMO
XL
Abril/1999
Número 10

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense



ISSN 0006-5218

BLUMENAU

em Cadernos

Fundação Cultural de Blumenau

Presidente

Braulio Maria Schloegel

Diretoria Administrativo-Financeira

Maria Teresinha Heimann

Diretoria Histórico-Museológica

Sueli Maria Vanzuita Petry



Revista “BLUMENAU EM CADERNOS”,
fundada em 1957 por **José Ferreira da Silva**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Biblioteca Pública “Dr. Fritz Müller”

Blumenau em Cadernos. (Fundação Cultural de
Blumenau) Blumenau, SC, 1 (11) 1957 -
il.
Mensal

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”



Prêmio Alm. Lucas Alexandre Boiteux,
na Área de História – edição 1998, concedido
pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

COPYRIGHT © 1999 by Fundação Cultural de Blumenau

REVISTA "BLUMENAU EM CADERNOS"

ENDEREÇO

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal: 425

CEP.: 89015-010 - Blumenau - SC

Fone/fax: (047) 326-6990

E-Mail: *funculbl@zaz.com.br*

CAPA

Projeto Gráfico: Silvio Roberto de Braga

Acervo: Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"

Piquenique realizado num dos recantos
aprazíveis de Blumenau.

DIREÇÃO

Sueli M. V. Petry

CONSELHO EDITORIAL

Alda Niemeyer, Cristina Ferreira, Niels Deeke,

Sálvio Alexandre Müller, Tadeu C. Mikowski

DIGITAÇÃO

Ellen Annuseck

DIAGRAMAÇÃO/EDITORAÇÃO

Cristina Ferreira

PRODUÇÃO GRÁFICA

Nova Letra Editoração e Impressão Ltda.

Av. Brasil, 742 - Ponta Aguda - Fone/Fax (047) 326-0600

Cep 89050-000 - Blumenau - SC

EDIÇÃO

Editora Cultura em Movimento

Dirceu Bombonatti (Diretor Executivo)

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

SUMÁRIO

A decadência da prestação do serviço ao índio em Blumenau <i>Eugen Fouquet</i>	07
Pequeno guia da cidade de Blumenau	16
Sob o domínio dos Botocudos <i>José Deeke</i>	20
Carta do Dr. Blumenau ao Presidente da Província (27/3/1865)	45
Impressões do Vale do Itajaí <i>Prof. José Cury</i>	48
O Salão Mielke (Jaraguá do Sul – déc. 20) <i>Siegfried Carlos Wahle</i>	50
Aimar Kã-Mrem <i>Urda Alice Klueger</i>	52
A crítica literária não viu o quarteto <i>Theobaldo Costa Jamundá</i>	54
Coroamento – Um poeta esquecido <i>Enéas Athanázio</i>	60

**Documentos
Originais
Artigos**

**A decadência
da prestação
do serviço ao
Índio em
Blumenau**

Texto:

*EUGEN
FOUQUET**

BLUMENAU
em Cadernos

O artigo desta coluna foi publicado em língua alemã no jornal **Der Urwaldsbote** – 28/7/1923.

O autor, ao redigi-lo, procurou refletir a realidade vivida pelo “Pacificador” Eduardo de Lima e Silva Hoerhann, diante da falta de recursos financeiros para administrar o Posto Duque de Caxias.



Esquerda para direita: Eduardo de Lima e Silva Hoerhann, Mancio Ribeiro, e funcionário do SPI (Serviço de Proteção ao Índio)

Tradução: *Annemarie Fouquet Schünke.*
* Redator do Jornal “Der Urwaldsbote”.

Der Verfall des Indianerdienstes in Blumenau

Am 22. September 1914 gelang es Herrn Eduardo da Silva Hoerhann, mit den Botokuden, die im Hinterlande von Blumenau die Kolonisation störten und die Ansiedler zu beständiger Abwehr nötigten, in friedliche Verbindung zu treten. Es war ein gewagtes Unternehmen, denn er begab sich in die Gewalt der Wilden, denen er waffenlos entgegentrat, und setzte sein Leben dabei aufs Spiel. Aber das Glück war ihm günstig. Er überwand daß Mißtrauen der Wilden, und schon nach wenigen Monaten, im Mai 1915, konnte der Schreiber dieser Zeilen auf der Station am Rio Plate sich davon überzeugen, daß die Zähmung des Botokudenstammes, die man für unmöglich gehalten hatte, gelungen war. Die Wilden gewöhnten sich an die Station, wo sie versorgt wurden; sie unternahmen nur noch harmlose Jagdzüge; die Ueberfälle hörten auf. Allmählich konnten sie auch zu leichter Arbeit herangezogen werden.

Was Herr Hoerhann vollbracht hat, ist nicht nur den Indianern, sondern auch den Kolonisten zu gute gekommen, die seitdem in Frieden leben und ungestört ihrer Arbeit nachgehen können. Ohne die Zähmung der Botokuden, die beständig auf dem Kriegspfade waren, würde die Kolonisation im Quellgebiete des Itajahy nicht die Fortschritte gemacht haben, die sie in den letzten zehn Jahren tatsächlich gemacht hat.

Jetzt ist aber eine kritische Periode für den Indianerdienst eingetreten, und zwar durch die Schuld der Regierung, die ihm nicht die nötigen Mittel zukommen läßt. Seit Jahr und Tag werden die Zahlungen unregelmäßig gemacht und bleiben zumteil ganz aus, sodaß eine heillose Unordnung eingedrungen ist. Zur Unterhaltung der Station hat die Bundesregierung 5 Contos monatlich, die Staatsregierung einen Zuschuß von 3 Contos jährlich bewilligt. Diese Summen sind in Anbetracht der herrschenden Teuerung und Geldentwertung keineswegs zu hoch angesetzt; sie reichen grade hin, das Notwendigste zu bestreiten: das sehr bescheidene Gehalt des Stationsleiters, die Löhne der Arbeiter (durchschnittlich 12 Mann), die Lieferungen an Nahrungsmitteln, Kleidung und Gebrauchsgegenständen für die Indianer (etwa 300 Köpfe) und was sonst noch zur Aufrechterhaltung des Betriebes erforderlich ist. Nun ist aber der Bund mit seinen Zahlungen seit mehr als einem Jahre, der Staat seit sieben Jahre im Rückstande. Kürzlich hat der Bund 10:000\$ anweisen lassen, aber 60:000\$ blieben noch aus. Im ganzen beläuft sich der Fehlbetrag auf 80:000\$. Darunter leidet der ganze Betrieb. Bei den Geschäftsleuten werden Schulden gemacht (eine Firma hat allein 17:000\$ zu bekommen), die Arbeiter erhalten keinen Lohn, und die Indianer können nicht zufrieden gestellt werden.

A decadência da prestação do serviço ao índio em Blumenau

Em 22 de setembro de 1914, o Sr. Eduardo da Silva Hoerhann conseguiu negociar um acordo de paz com os Botucudos. Estes estavam impedindo a colonização no interior de Blumenau e frequentemente obrigavam os colonos a se defender. Foi uma empreitada arriscada, pois ele foi desarmado enfrentando a ira dos selvagens e, deste modo, colocando em risco sua vida. Mas a sorte lhe favoreceu. Ele conseguiu vencer a desconfiança dos selvagens e após alguns meses, em maio de 1915, o redator destas linhas, pessoalmente, pôde se certificar às margens do rio Plate, que a pacificação dos Botocudos, embora sendo considerada impossível, havia dado certo. Os selvagens se acostumaram à estação onde eles eram abastecidos, os ataques pararam e só saíam para suas caçadas. Aos poucos se sujeitaram a fazer pequenos trabalhos.

O que o Sr. Hoerhann conseguiu, não apenas beneficiou aos índios, mas também aos colonos que desde então trabalham despreocupados, vivendo em paz. Se os Botocudos, que viviam em pé de guerra, não tivessem sido pacificados, a colonização do alto Itajaí não teria progredido tanto nos últimos dez anos.

Mas agora, o serviço ao índio está enfrentando um período crítico por culpa do governo, que não lhe repassa as verbas necessárias. Há muito tempo os pagamentos estão sendo feitos de forma irregular e às vezes nem chegam, e isto está resultando numa grande desordem. Para o sustento da estação, o governo federal concedeu uma verba de cinco Contos e o governo estadual um complemento de três Contos anuais. A soma não é muito alta, considerando a desvalorização da moeda. Apenas serve para o mais urgente, como o modesto salário do dirigente da estação, os salários dos empregados, que são em média doze, o abastecimento de mantimentos, vestimentas e utensílios para os índios que somam trezentas pessoas, e o que é necessário para a conservação do empreendimento. Mas o pagamento por parte do governo federal está há mais de um ano atrasado e do governo estadual, mais de sete. Há pouco tempo atrás o governo federal enviou 10:000\$, mas ainda ficaram em aberto 60:000\$. A dívida total é de 80:000\$ e isto prejudica o empreendimento. São feitas dívidas nos estabelecimentos comerciais (uma firma

tem a receber 17:000\$), os trabalhadores não recebem os salários, e não têm como satisfazer aos índios.

O resultado disto é lógico. O comércio nega o crédito, os trabalhadores ameaçam abandonar a estação, os índios estão aborrecidos e rebeldes, o dirigente da estação perde sua autoridade. Ele é obrigado a fazer promessas que não pode cumprir. A disciplina já não é a mesma e o trabalho não é mais feito.

Vamos citar um exemplo de como são desmoralizantes as promessas não cumpridas: Há quatro anos o Sr. Hörhann foi a Florianópolis acompanhado de alguns índios para apresentá-los ao governo. Lá, ficaram encantados com os irmãos vermelhos, os quais causaram uma boa impressão, e lhes fizeram muitas promessas. Foi-lhes permitido irem às lojas e escolher o que precisassem e logo após a mercadoria seria remetida. Realmente foram empacotadas seis caixas grandes, mas que nunca chegaram ao seu destino. Na volta a expectativa foi grande com relação à chegada dos presentes. A alegria dos índios era igual a de crianças esperando o Papai Noel. Mas a decepção foi enorme após a espera de semanas, meses e anos sem que os esperados presentes viessem. Censuravam o dirigente da estação, acusavam a ele e a todos os brancos de mentirosos. Assim sendo, ficaram mal humorados, sem vontade de trabalhar e se tornaram difíceis de lidar. Até hoje não foi esquecido este lamentável incidente e sempre voltam a falar sobre ele.

Como filhos da natureza os índios são muito exigentes, mas não têm condições de avaliar o valor dos objetos que lhes são entregues. Tudo deve ser novo ou pelo menos ter aspecto de novo, pois coisas usadas, mas que ainda poderiam ser úteis, costumam jogar fora. Por exemplo, um cobertor que nós usaríamos durante cinco anos, com eles só vai durar um ano, pois não cuidam de nada e isto encarece seu sustento. Quanto à comida também são exigentes, querem arroz todos os dias e a carne não pode faltar. Quando não a recebem dizem: "I se uváimo", estou enjoado. Então correm para o mato à procura de mel silvestre, abandonando o trabalho e se queixando que são obrigados a fazer trabalhos pesados enquanto passam fome. O trabalho a ser feito fica então por conta do dirigente da estação.

Com os demais trabalhadores da estação é a mesma coisa. Em

Aber die Geschäftsleute wollen auch einmal Geld sehen, und wenn sie zu lange warten müssen, machen sie Schwierigkeiten. Ohne Bargeldzahlung kann weder der Geschäftsmann noch der Arbeiter auf die Dauer bestehen.

Gute Arbeiter bekommt die Station unter diesen Umständen nicht. Was sich anbietet, sind Caboclos, arme Teufel, die von der Hand in den Mund leben und kaum ein Dach über dem Kopfe haben. Und die sollen den Wilden als Lehrmeister und Vorbilder dienen! Häufig muß der Stationsleiter von den Indianen hören: "Du verlangst, daß wir arbeiten, und deine 'Fremden', die hierher gekommen sind, um uns anzulernen, faulenzten in der Pflanzung. So ist es in der Tat. Sowie der Stationsleiter den Rücken kehrt, wird die Arbeit eingestellt, und die Leute sagen: "Wir sollen uns für die Regierung abrackern und bekommen kein Geld dafür. Das wäre dumm. Also feiern wir."

Dieses Beispiel verdirbt die Indianer, die sehr scharf beobachten. Die jungen Botokuden, die auf der Station groß geworden sind, verstehen die Landessprache, achten genau auf alles, was die Arbeiter tun, und machen es ihnen nach. Der Stationsleiter aber, der die berechtigten Forderungen sowohl der einen wie der anderen nicht erfüllen kann, weil er kein Geld bekommt, steht mit gebundenen Händen da. Er ist im Walde ohne Hunde, wie ein brasilianisches Sprichwort sagt. Nur mit größter Mühe hat er bisher die Ordnung notdürftig aufrecht erhalten und eine Katastrophe vermeiden können, die aber nicht ausbleiben wird, wenn es so weiter geht. Inmitten widerspänstiger Indianer und unbotmäßiger Arbeiter steht er mit seiner Familie allein. Wäre er nicht aus hartem Holze geschnitzt - "Katamhara" (hartes Holz) nennen ihn die Indianer -, so hätte er längst die Flinte ins Korn geworfen. Es ist aber begreiflich, wenn er damit umgeht, den Dienst zu verlassen, der ihm obendrein so kärglich gelohnt wird.

Was dann kommen wird, kann man sich leicht ausdenken. Ein Ersatz für diesen wirklichen "Pacificador dos Índios", der mit ihren Sitten und Anschauungen aufs genaueste vertraut ist, wäre schwer zu beschaffen. Es gehört vor allem ein nicht gewöhnlicher Mut dazu, allein inmitten der leicht erregbaren Söhne des Waldes zu hausen. Sich selbst überlassen, würden die Indianer sehr bald in ihre alten Gewohnheiten zurückfallen und es für ihr gutes Recht halten, auf Raub auszugehen, was man ihnen nicht einmal verdenken könnte. Die Halbgezügten aber wären gefährlicher als es die ganz Wilden waren, denn sie haben inzwischen manches gelernt und werden danach ihre Taktik einrichten. Ein neuer Vernichtungskampf würde ausbrechen. Die Kolonisationsgebiete in der oberen Hansa, am Westarm und am Tayó wären der größten Gefahr

função dos salários atrasados, recebem vales com os quais compram o essencial, mas pagam mais caro do que se tivessem dinheiro em mãos. Os comerciantes também precisam do dinheiro e as coisas se tornam difíceis quando este demora a entrar. Sem dinheiro vivo, nem o comerciante e nem o trabalhador conseguem se manter.

Nestas condições não se consegue bons trabalhadores. São os pobres caboclos sem teto que vêm em busca do trabalho, e estes são para servir de exemplo e instruírem os índios. Muitas vezes o dirigente da estação é obrigado a escutar a seguinte queixa dos índios: “Tu exiges que nós trabalhemos, mas teus amigos se espreguiçam na plantação”. E é isto o que realmente acontece. Mal o dirigente da estação se afasta, eles largam o trabalho e dizem: “Seria muito tolo de nossa parte trabalhar para o governo e não receber o pagamento, então vamos festejar.”

Este exemplo é pernicioso para o índio que tem um acurado sentido de observação. Os jovens botocudos, que cresceram na estação, entendem o português, observam muito bem o que os trabalhadores fazem e os imitam. Mas o dirigente da estação está de mãos atadas, pois não pode atender às justas reivindicações de ambos os lados. Como diz o ditado brasileiro: “Ele se encontra num mato sem cachorro”. A ordem está sendo mantida com dificuldade a fim de se evitar uma catástrofe, mas que será inevitável se continuar assim. Ele se encontra sozinho com sua família no meio de trabalhadores desobedientes e de índios rebeldes. Se não fosse de natureza forte, “Katamhara” (madeira dura), como é chamado pelos índios, há muito teria abandonado tudo. Assim é possível entender porque cogita em deixar este emprego, pois além de tudo é mal remunerado.

É fácil imaginar o que então poderá acontecer. Seria muito difícil encontrar um substituto para este verdadeiro “pacificador dos índios”, que tão bem conhece seus costumes. É necessário muita coragem para viver sozinho entre estes inconstantes filhos da selva. Se os abandonarmos, em breve voltarão aos seus antigos hábitos, e novamente se acharão no direito de praticar assaltos, e se isso acontecesse nem poderíamos culpá-los. Estes índios parcialmente integrados seriam mais perigosos do que os selvagens, pois aprenderam muito com o branco e lutariam de acordo com as táticas desses, conseqüentemente deflagrariam uma luta

ausgesetzt. Entweder müßten die Kolonisten weichen oder sie müßten sich zur Wehr setzen, und dann gäbe es wieder Mord und Totschlag. Das ganze in elf Jahren mühsam aufgebaute Werk der Zähmung wäre vielleicht für immer vernichtet.

Von der Regierung hängt es ab, dieses Unheil zu verhindern. Sie braucht nur zu erfüllen, was sie versprochen hat. Es ist so viel geredet worden von Humanität und Zivilisation und von der Pflicht, sich der armen Ureinwohner hilfreich anzunehmen, daß einem ganz schwindlig werden konnte. Und jetzt, wo die Sache gut eingeleitet ist, soll sie am Geldpunkte scheitern! Soviel haben Bund und Staat noch übrig, daß sie die Station am Rio Plate, die sich so vortrefflich bewährt hat, erhalten können. Es liegt nur am guten Willen, an den wir hiermit eindringlichst appellieren möchten.

Trotzt aller Widerwärtigkeiten, die aus der Geldverlegenheit entspringen, ist auf der Station, dank der Tatkraft ihres Leiters, tüchtig gearbeitet worden. Es wurden in diesem Jahre über 1000 Sack Mais geerntet und eingebracht. Außerdem werden Zuckerrohr, Knollenfrüchte, Bohnen, Kürbisse, Erdnüsse usw. angebaut. Mehr als 1300 Obstbäume sind vorhanden, auch ein großer Gemüsegarten ist angelegt worden. Da die Station dem Landwirtschaftsministerium unterstellt ist, könnte ein "Versuchsfeld", eine Musterfazenda eingerichtet werden, von der auch weitere Kreise Vorteil haben würden. Aber während sonst Sämereien, Stecklinge usw. in freigiebigster Weise umsonst verteilt werden, hat das Ministerium dieser Station, die doch zu seinem Amtsbereiche gehört, noch nichts zukommen lassen.

Noch ein Uebelstand ist zu erwähnen. Die Station hat nicht genügend eigenes Land. Das umgebende Gelände gehört der Hanseatischen Kolonisationsgesellschaft und anderen Siedlungsunternehmungen. Nur ein kleiner Streifen ist Regierungsland. Wenn die Besiedlung fortschreitet, wird die Station gänzlich eingeengt. Die Indianer brauchen aber ein größeres Jägdgebiet, am dem sie sich frei bewegen können. Das Mindeste sind 10000 Hektar. Es muß eine Indianerreservation geschaffen werden, die kein Weisser unbefugt betreten darf, über deren Grenzen aber auch die Indianer nicht hinausgehen dürfen. Nur so läßt sich die begonnene Arbeit mit Nutzen fortsetzen.

Die Erhaltung der Station hegt im allgemeinen Interesse. Sie verfallen zu lassen, wäre unverantwortlich und würde die Schlimmsten Folgen haben. Zwei Bedingungen sind zu erfüllen: regelmäßige Zahlung der ausgeworfenen Gelder und Schaffung einer Indianerreservation mit genügendem Landbesitz. Diesen unerläßlichen Forderungen wird sich eine erleuchtete und wohlwollende Regierung nicht verschließen können.

de extermínio. Então, as colônias acima da Hansa, no Braço do Oeste e em Taió estariam correndo grande perigo. Neste caso os colonos precisariam recuar ou se defender, o que de qualquer modo resultaria num desastre. Conseqüentemente este trabalho penoso, que levou anos para ser construído, estaria aniquilado.

Depende apenas do governo evitar esta catástrofe, basta cumprir o prometido. O discurso sobre solidariedade e obrigação em ajudar os indígenas foi até demais. Mas agora que a causa está tão bem encaminhada, corre o risco de não dar certo pela falta de pagamento. O governo e o estado ainda dispõem deste dinheiro, que serve para manter a estação no rio Plate, que apresentou tão bons resultados. Apelamos encarecidamente à boa vontade, pois dela tudo depende.

Apesar de todo o contratempo com os pagamentos, foi realizado um grande trabalho na estação, graças ao empenho de seu administrador. Neste ano foram colhidas 1000 sacas de milho, além de cana de açúcar, tubérculos, feijão, abóboras, amendoins, etc. Foi cultivada uma grande horta e existem mais de 1300 árvores frutíferas. Como a estação está subordinada ao Ministério da Agricultura, poderia ser transformada em fazenda modelo, da qual outros também teriam proveito. Enquanto o Ministério distribui gratuitamente sementes e plantas para outros, esta estação, que afinal se encontra sob sua jurisdição, ainda não recebeu nada.

Existe mais um “porém”: a estação não possui terras suficientes. Aquelas que a cercam pertencem à Companhia Colonizadora Hanseática e a outros empreendimentos de colonização. Apenas uma pequena faixa pertence ao governo. Se a colonização se expandir, a estação ficará totalmente cercada, mas os índios necessitam de mais espaço para suas caças. O mínimo seria de 10 000 mil hectares. Torna-se necessária a criação de uma reserva, que não poderá ser ultrapassada pelo homem branco, mas cujos limites também não podem ser ultrapassados pelos indígenas. Só assim este trabalho terá uma continuação proveitosa.

A manutenção da estação é do interesse geral. Abandoná-la seria uma irresponsabilidade e traria conseqüências graves. São duas condições a serem cumpridas: o pagamento atrasado e a criação de uma reserva com terras suficientes. Um governo esclarecido e bem intencionado não vai deixar de atender a estas justas reivindicações.

Pequeno Guia Da Cidade de Blumenau*



Quando um visitante chega à nossa cidade pelo mar, o faz através do Porto de Itajaí. Na estrada, logo surpreende-se com o agradável aspecto de nossa vida comunitária. Ao passar na chamada Vorstadt, que significa entrada da cidade, percorre a rua Minas Gerais¹ que se apresenta bastante sugestiva. As pequenas casas, com seus jardins frontais, dão uma bela impressão e a parede escura da floresta que se destaca na margem esquerda do Itajaí-Açu revela o contato com o ambiente natural.

A cultura e as terras recém-desmatadas se misturam em quadros grotescos e chamam a atenção do visitante, lembrando-o que aqui se encontra um núcleo colonial relativamente novo. Este quadro se transforma num acontecimento bonito e impressionante, se o visitante fizer um esforço de percorrer pela bonita estrada, de carro ou de charrete, a pequena distância que o leva ao Aipimberg, onde um dia se erguerá o “Museu da Imigração Alemã”. Ali no alto do Morro, o visitante tomará conhecimento do porquê Dr. Hermann Blumenau, após todas as suas pesquisas, escolheu justamente este lugar ao longo do Rio Itajaí-Açu para realizar seus planos de colonização e como um pequeno grupo que pensava como ele, deu a senha: “Aqui nos deixam construir casas”.

É também diferente o quadro panorâmico que atrai o visitante na última curva. Numa forte curva, o rio Itajaí se dirige à cidade propriamente dita, para depois no seu curso tomar a direção em forma de um “S” ao contrário.

* Texto elaborado para orientar os participantes do VI Encontro do dia Escolar Teuto-brasileiro, realizado entre os dias 27 de setembro a 1.º de outubro de 1933. Impresso pela Editora “Urwaldsbote”.

Tradução: Edith Sophia Eimer.

¹ Atualmente denominada Rua Itajaí.



Em linha reta, nos cumprimenta a varanda Seifert², enquanto a vista total da parte inferior da cidade é limitada pela vista da Igreja Protestante e a Igreja Católica. Um rápido passeio de barco à vela, ou de canoa certamente será agradável e mostrará ao visitante como as enormes curvas do rio provocam periodicamente o perigo de enchentes para o lugar e como podem tomar aspecto catastrófico. As enormes massas de água que nesta ocasião atingem a cidade, não têm o escoamento necessário. Só assim se esclarece que na grande enchente de 1911 o nível da água se elevou a 16 metros acima do nível normal. Se continuarmos em linha reta chegaremos ao Schützenhaus³, que apesar das quadras de tênis, na entrada, nos mostra como nossos antepassados tiveram imaginação por “recantos agradáveis” e aqui realizavam modestas festas.

Mas continuemos pela bonita calçada da Rua XV de Novembro. Pouco mais adiante está a Rua Dr. Blumenau⁴, com a rua das Palmeiras. Na enchente de 1880 o “Vapor Progresso” navegou por cima destas palmeiras. Isto foi possível porque naquele tempo as palmeiras ainda não estavam tão altas. Nesta rua também se encontra o Teatro “Frohsinn”⁵, ponto de referência do VI

² Esta Confeitaria estava localizada entre os atuais prédios do Edifício Catarinense e Mauá.

³ Casa dos Atiradores, atualmente Sociedade Tabajara Tênis Club.

⁴ Esta denominação foi alterada para Alameda Duque de Caxias, conforme Decreto Lei 68 de 18 de agosto de 1942.

⁵ Neste local se encontram atualmente as instalações da CELESC.

Encontro Escolar Teuto-brasileiro. A Rua das Palmeiras segue direto à Ponte dos Pastores.

Depois de passar a ponte coberta, o caminho nos leva ao Vale do Ribeirão Fresco, enquanto uma curva acentuada leva ao Vale do Garcia. À esquerda, nos cumprimenta o morro da igreja protestante, em suas formas externas, uma casa de Deus característica, que se ergue num parque bem cuidado, e mais no verde, vemos a casa pastoral, bem como as instalações do Hospital Santa Catarina no qual atuam as irmãs diaconisas de Wittenberg (também no “Johannastift”, maternidade).

O Vale do Garcia merece a denominação, como um dos primeiros vales colonizados da Colônia. Vemos de ambos os lados as bonitas casas com jardins e as amplas instalações da Empresa Industrial Garcia, uma das grandes indústrias de Blumenau, especializada em artigos têxteis. Aqui também existe sensibilidade para a atividade corporal, conforme nos mostra o bonito parque esportivo e a construção da casa comunitária evangélica ligada à residência das irmãs, e o jardim de infância.

Como se vê, aqui se procura fazer jus às exigências sociais. Longe se estende a vista para o Vale do Garcia e lá distante no horizonte, envolto entre as nuvens está o Spitzkopf, a montanha mais alta de Blumenau, e cuja altura é de 950 metros, cuja escalada é feita pelo Clube Spitzkopf, que abaixo do pico construiu uma casa de abrigo.

Mas voltemos. Deixando a histórica Rua das Palmeiras, à direita vemos o Clube Náutico América e o Jardim Público em cujo centro se ergue o monumento do fundador Dr. Hermann Blumenau. Em frente ao obelisco se situa a Prefeitura Municipal que harmoniosamente se integra ao quadro da bonita cidade.

Só mais alguns passos e passamos uma ponte de ferro sobre o Rio Garcia que desemboca no rio Itajaí-Açu⁶. À esquerda, nos cumprimenta o Hotel Holetz⁷, onde, no salão à esquerda, se encontra o Cine Busch. No outro lado, já na Alameda Rio Branco se vê o edifício do Correio e da Agência Telegráfica.

Continuemos pela Alameda Rio Branco, onde nos deparamos com o Johannastift, a Maternidade da Sociedade Evangélica de Senhoras de Blumenau. Se dobrarmos quase no fim da Alameda Rio Branco, na última rua à direita, vemos um bonito jardim e as instalações do pensionato de rapazes Deutsche Schule⁸. Um pouco mais adiante um salão de ginástica, muito bem instalado,

⁶ Ponte Desembargador Pedro Silva.

⁷ No local hoje está edificado o Grande Hotel Blumenau.

⁸ Atualmente neste local está edificado o prédio do Conjunto Educacional D. Pedro II (Ala Nova).

onde nos fins de semana há sempre há muito movimento. Levantando a vista, vemos no alto do morro, diante de nós, a Deutsche Schule, com suas dependências de ensino.

Daqui temos que voltar para a estrada principal na Rua XV de Novembro, deixamos à esquerda a Caixa Agrícola e à direita nos convida a Feira Blumenauense de Amostras. Agora nos encontramos na área comercial da cidade, uma casa de comércio ao lado da outra. Ao entrarmos na segunda rua, a Rua Bom Retiro, vemos a forma alongada do Hospital S. Elizabeth, com uma nova instalação, que é cuidado pelas irmãs da Divina Providência. E anexo está a escola das irmãs, com suas bonitas instalações, adaptáveis ao progresso.

Continuemos pela Rua Bom Retiro. Ali encontramos uma série de bonitas casas particulares com belos jardins, quadras de tênis e largas ruas de acesso, que dão prova da riqueza de seus moradores. A região assume depois um aspecto mais colonial, até chegarmos à fiação da Companhia Hering S.A., que ligada a outras instalações dão prova das atividades do Bom Retiro. Só mais um curto caminho e nos encontramos no fim do vale, cercado por bonitas construções de fábricas muito bem preservadas, tanto pelo lado interno como externo. Aqui se fabricam as malhas que pela sua qualidade podem medir-se com a concorrência do exterior.



Rua 15 de Novembro – final década de 1930

A Escola Evangélica Feminina convida para uma visita. Numa boa estrada logo chegamos outra vez à Rua XV de Novembro e vemos as belas formas da igreja católica numa elevação, e ao fundo uma bela vista panorâmica.

Temos as instalações do jornal editado em língua alemã “Urwaldsbo-te”⁹ e à direita o Clube “Germania”¹⁰.

À Igreja Matriz aliam-se as enormes instalações do Colégio Santo Antônio, que é ginásio e seminário. Se dobrarmos para a esquerda, na Rua Espírito Santo¹¹, entramos na Rua paralela da XV de Novembro, a recém aberta Rua 7 de Setembro. Deste local podemos ver todo o conjunto do Colégio Santo Antônio. E, não muito longe, um terreno livre de enchente onde se erguerá futuramente o novo Teatro “Frohsinn”¹².

Continuamos caminhando pela Rua XV de Novembro, onde passamos por várias casas de comércio e residências, até chegarmos a uma enorme casa que abriga a firma Carlos Hoepcke S.A.¹³



Vista da antiga Estação Ferroviária, inaugurada em 1909.

⁹ Atualmente instalações da Livraria Blumenauense S/A

¹⁰ Local próximo onde está edificado o Edifício Edelweiss.

¹¹ Era um simples caminho entre a paróquia e o antigo cemitério. Em 1924, a Câmara Municipal a denominou Rua Espírito Santo, em 1938 foi alterada para Rua Padre Jacobs. O objetivo era prestar homenagem ao primeiro vigário de Blumenau.

¹² Neste local foi erguida a sede da Sociedade Dramático Musical Carlos Gomes.

¹³ Atualmente Lojas Pontolar.

Quase em frente, situa-se o bonito grupo estadual “Luiz Delfino”¹⁴, e mais adiante em frente está a estação da Ferrovia Santa Catarina¹⁵. Nos fundos, vemos as retas linhas da Ponte de Ferro sobre o Rio Itajaí. Infelizmente faltam as passarelas de ambos os lados que permitiriam um acesso à chamada Ponta Aguda. Este local ainda espera para ser descoberto. Se virarmos à direita estaremos na Rua Goyaz¹⁶.

Chegamos ao bonito Vale da Velha, na Velha Grande. Lá também encontramos lindas propriedades e jardins. Continuando nosso passeio pela Estrada Geral, ultrapassamos nova ponte da Velha que leva o nome de Rua São Paulo, e logo nos deparamos com um monumento do grande cientista Dr. Fritz Müller, e frente a esta a Vila do antigo Ministro da Viação Dr. Victor Konder. A construção fechada é aqui um pouco interrompida e o aspecto toma a forma de uma cidade jardim.

Mais uma vez em Altona, ou como é o nome oficial Itoupava Seca, as casas ficam uma ao lado da outra. À esquerda localiza-se a Sociedade “Teutonia”, e à direita o Museu do senhor Otto Jennrich, que vale a pena visitar¹⁷. Há também uma estação de trem. Pela primeira vez cruzamos aqui a linha ferroviária: Blumenau/Lontras-Hansa.

À direita deixamos as duas casas comerciais das Firms Salinger e Richard Paul¹⁸. Depois as instalações dos Ginastas de Altona, e mais uma vez cruzamos a linha férrea para o Morro da Lesma, e de lá em direção à ponte do Salto.

Da ponte podemos ver a Usina do Salto, que fornece a Blumenau luz e força. Aqui paramos, pois já atravessamos os limites da cidade.

¹⁴ No local atualmente estão as instalações do Fórum.

¹⁵ Atualmente Instalações da Prefeitura Municipal. A Ferrovia foi desativada em 13 de março de 1971.

¹⁶ Atual rua Amadeu da Luz.

¹⁷ Este Museu foi desativado e o acervo ficou entre os familiares.

¹⁸ Estes prédios estão desativados na rua São Paulo.

Histórias ao redor da fogueira do acampamento

Sob o Domínio dos Botocudos

Texto:

JOSÉ DEEKE*



A Revista Blumenau em Cadernos passa a publicar nessa coluna, capítulos da obra inédita “*Am Lagerfeuer*” (Ao redor da fogueira do acampamento), escrita por José Deeke e baseada nos contos que lhe foram narrados por diversos personagens durante suas excursões pelo interior do Estado de Santa Catarina, quando exercia as funções de agrimensor.

José Deeke escreveu este trabalho em língua alemã e utilizou-se de pseudônimos para referir-se às pessoas que compõem esta obra.

Em se tratando de um trabalho inédito, a tradução foi providenciada pelo Sr. Niels Deeke, que gentilmente autorizou a publicação nesta revista.

Este capítulo “Sob o domínio dos botocudos” originou-se da história contada por Jeremias André Gonçalves, intérprete mestiço, trazido em 1877 de São Lourenço, região de Ponta Grossa, no Paraná, pelo Comandante das Guardas de Batedores do Mato - Frederico Deeke que naquele ano, foi em memorável viagem, a pé, seguindo pelo rio Preto, Mafra, Rio Negro até alcançar a região de Ponta Grossa - Paraná, com a finalidade de contratar o referido intérprete pelo prazo de um ano. Deeke acomodou Jeremias André Gonçalves, pessoa tranqüila e de trato agradável, em sua própria residência que situava-se onde atualmente está edificado o prédio do Teatro Carlos Gomes, e partiu em diversas expedições à selva, com o objetivo de, utilizando o intérprete, estabelecer contato verbal com os botocudos. José Deeke desenvolveu esta história a partir dos relatos orais de seu pai, Frederico Deeke.

* José Deeke – agrimensor e cartógrafo. Autor de inúmeros artigos sobre a região do Vale do Itajaí. Sua obra mais famosa intitula-se: “O Município de Blumenau e a história de seu desenvolvimento”, escrita em alemão e publicada em 1995 em português.

Tradução: Edith S. Eimer / Niels Deeke.

Há muitos anos, quando os bugres me raptaram, eu ainda era um menino muito jovem. Não sei que idade tinha, porém pelos cálculos que hoje faço, deveria ter aproximadamente seis ou sete anos.

Minhas recordações somente vão até o dia da tragédia, quando fui arrebatado do convívio no lar materno. Lembro-me muito pouco do passado; recordo apenas que meus pais moravam numa casinha, justamente a mesma que naquele fatídico dia foi assaltada pelos bugres. Isto é tudo quanto minha memória alcança.

Os detalhes da ocorrência e o que sucedeu a meus pais, somente pude saber muito mais tarde, através de vizinhos, depois que fugi dos selvagens e reaprendi meu idioma pátrio.

Conforme me contaram, esse ataque dos bugres foi um dos mais violentos e o praticaram com extrema crueldade. Os selvagens, naquele dia, mataram inúmeras famílias, entre as quais meu pai e minha mãe, saquearam e queimaram as casas e exterminaram todo o gado.

Nunca me esclareceram porque carregaram-me consigo, poupando-me da morte que aplicaram às outras crianças. A razão disso não posso explicar - talvez ficaram penalizados com a minha aparência indefesa, que num rompante momentâneo de comoção os motivou.

Vagamente ainda me lembro de como os selvagens me arrastaram para dentro da floresta. Não sentia medo algum, pois estava entorpecido e pensei que aquilo não poderia estar acontecendo comigo. Acreditava que estivesse sonhando tudo quanto à distância via, em meu estado de torpor, acontecer com as outras crianças.

Mas, de súbito, voltei a mim e fui tomado de terrível espanto. Chegáramos ao acampamento dos bugres onde fomos recebidos com enorme algazarra e muita gritaria pelas mulheres mais velhas e crianças que lá ficaram.

Não fui logo notado, cheguei mesmo a passar despercebido, pois todos estavam ocupados em esvaziar, freneticamente, os cestos que estavam cheios até a borda de produtos da pilhagem que as mulheres mais jovens trouxeram.

Deve-se assinalar que nestes assaltos observou-se que a maioria dos selvagens julgada masculina, era composta de mulheres, pois os indivíduos de ambos os sexos usavam o mesmo corte de cabelo e andavam quase totalmente nus, razão porque não se poderia distingui-los à distância. Entretanto, quem conhecesse os seus hábitos, poderia diferenciá-los quanto ao sexo mesmo ao longe. Isto era até muito simples, quando se sabe que os homens, nesses ataques, portavam exclusivamente armas e nunca eram vistos com os cestos que as mulheres desarmadas, carregavam. Elas enchiam tais balaies de tantos objetos

roubados, quantos pudessem carregar e tão logo os guerreiros tinham dado cabo dos brancos ou os expulsado, iniciavam o saque das casas.

Depois de satisfeita a alegria inicial pela distribuição dos objetos roubados, todas as atenções convergiram para a minha pequena pessoa. Inicialmente, as mulheres mais velhas se apossaram de mim, arrancando a roupa que vestia e examinaram, minuciosamente, todo meu corpo, como se quisessem descobrir em quais partes meu organismo se diferenciava deles. Todavia pareceu-me que nada encontraram e, não se conformando, estampavam caras de dúvida, além de sacudir sem cessar a cabeça e tagarelar ininterruptamente. Em dado momento aproximou-se de mim um velho bugre, incrivelmente feio - era o "*Pataema*"¹ que entre os índios ocupa, ao mesmo tempo, o lugar de sacerdote e curandeiro do bando - que depois de fixar-me com seu olhar de animal bravio, começou, de repente, a bater em meu peito com seus punhos. Suportei, heroicamente, as duas ou três primeiras pancadas - mas continuava a maltratar-me, batendo sempre mais forte em meu pequenino peito, e eu, não mais resistindo, comecei a gritar alto de dor.

Parecia que todos estavam a esperar por isto, porque até então reinava relativo silêncio. Quietos, apreciavam a cena, e então responderam aos meus gritos com gargalhadas infernais e assim manifestavam-se sempre que o "pataema" me infligia novas torturas, conforme continuou a fazer, magoando meu frágil corpo infantil.

Quando, finalmente, o "pataema" me soltou, as crianças apoderaram-se de mim, tornando-se sempre mais atrevidas e insuportáveis. Primeiramente me puxaram por todos os lados, arranharam-me todo o corpo com as pontas afiadas de suas lanças e tornando-se sempre mais audaciosas, num crescendo constante. Podia adivinhar-lhes, pelo brilho feroz dos olhos dos rapazes, que sua vontade era continuar a martirizar-me sem parar, não faltando muito para mandar mais um "cara pálida" para a "eternidade dos campos de caça indígena". Por fim a brincadeira estava se tornando séria e, em pouco tempo, me despachariam para o outro mundo, quando o cacique apareceu e interferiu a meu favor.

Este cacique era um homem alto e forte. Tinha a pele um pouco mais clara que os outros bugres e possuía também vestígios de barba no rosto, enquanto os demais não portavam sinal algum destas particularidades. Naquela

¹ *Pataema* - Expressão do linguajar indígena constante da obra "Am Lagerfeuer" de José Deeke. Significaria literalmente: "O ser masculino que esvazia a dor interna", em linguagem Caingang dos xockleng do rio Hercílio, falada na época de 1915. Em tupi: Pajé - espécie de sacerdote, curandeiro indígena.

ocasião eu ainda não sabia que ele era o cacique, entretanto percebi que pertencia à outra linhagem, distinguindo-se de todos não só pela aparência, como pelas atitudes. Enquanto o resto da horda, bem como as crianças, zanzavam e pulavam em volta de mim tagarelando sem parar, ele se mantinha calmo e sereno, e quando abria a boca não o fazia para participar da barulheira, mas sim para determinar a manutenção da ordem que competia à sua condição hierárquica de chefe, quando com curtas palavras e frases precisas ordenava obediência a comportamentos que eram, de imediato, cumpridos.

Ele, aproximando-se de mim, afastou os rapazes que me maltratavam e, ralhando, lhes dirigiu algumas palavras ásperas e de pronto impôs sua autoridade, fazendo com que debandassem, dispersando-os em todas as direções. Depois, como a provar-me, o cacique dirigiu-me, por longo tempo, seu olhar que não denotava raiva nem ódio. Parecia refletir sobre algo que não encontrava solução. Os demais também perceberam a situação, pois todos se aproximaram, formando um círculo ao meu redor e olhavam, com ansiosa curiosidade, para o pensativo cacique.

Ele permanecia encostado num rancho e continuava sempre a meditar, ora olhando para mim, ora para a escura floresta, absorto, como se estivesse com o pensamento muito distante.

Bem próximo de si estavam suas três mulheres, as quais, de tempos em tempos, se lhe aconchegavam, sem que ele reagisse às demonstrações de carinho. Numa destas ocasiões, entretanto, virou-se de posição, pois chegara a alguma conclusão nas suas reflexões. Passou o braço pelo ombro da mais moça e mais bonita de suas mulheres e, quando ela, com satisfação, levantou a cabeça em sua direção contemplando-o, ele falou-lhe demoradamente, num tom que parecia suplicar, enquanto o semblante das outras, ficou tenso e preocupado.

A jovem mulher, a princípio, não demonstrou muito entusiasmo com o que seu marido pedia, pois ela abaixou seus olhos até o chão e estampou uma cara bastante embaraçada.

Mas quando o cacique, muito compenetrado, terminou de falar-lhe, ela ergueu o rosto com muita admiração e abraçou-o, como se este gesto de carinho significasse o reconhecimento pela promessa que recebia, selando o noivado; e então se volveram na minha direção.

Eu, apesar de não entender coisa alguma do que diziam, senti, instintivamente, que tudo quanto assistia, se referia à minha pessoa e que do entendimento entre o cacique e sua esposa preferida, resultaria a decisão que regularia a minha sorte, determinando o meu destino. E quando a jovem mulher virou-se para mim, eu tive a certeza de que tudo fora resolvido a meu favor.

A jovem mulher, a qual chamavam pelo nome de “*Kruro*” e eu, doravante, passaria a chamar de “mãe”, aproximou-se de mim e fitando-me com bondade e meiguice, tomou-me em seus braços, afagando-me carinhosamente. E eu, que até aquele momento tive medo do contato com as outras mulheres e me debatera contra elas, então encontrei no peito da jovem mulher um sentimento misto de carinho, proteção e abrigo, fazendo-me passar meus braços em volta de seu pescoço e encostar minha cabecinha bem colada em seu seio aconchegante.

Parece que este meu gesto impressionou a todos, pois se ouviu um murmúrio de aprovação e aplausos. Com isso terminaram os meus sofrimentos, pois daí em diante fui considerado filho do cacique e minha nova mãe não permitiria que tornassem a me maltratar - gradualmente sua estima por mim foi crescendo e começou a me amar como se eu fosse seu próprio filho, enquanto meu afeto por ela aumentava e a cada dia a amava sempre mais.

Naturalmente, mais tarde, contou-me o que foi acordado entre ela e o cacique, bem como o que resolveram antes dela aceitar a incumbência de cuidar de mim. Ele, o cacique, sentiu-se atraído por mim, pois como seus filhos legítimos não se mostravam aptos para sucedê-lo no posto, resolveu, de comum acordo, adotar-me, a fim de que, no futuro, o substituísse no lugar de chefe.

Como *Kruro*, sua esposa preferida, não lhe dera filhos, ele pediu que ela assumisse a função de mãe - e pelo amor que lhe tinha, ela aceitou o encargo. É preciso que se reconheça que a atitude dessa mulher, tomando essa resolução, foi heróica, especialmente se levarmos em consideração que os selvagens não consideram o branco um ser humano ou semelhante, pois o julgam uma criatura desprezível. No entanto, conforme já disse, ela não precisou arrepender-se, lamentando sua disposição, ao contrário, quando mais tarde ela me afagava com carinho, incansável sempre agradecia ao cacique, por ter-me entregue a ela.

Terminada a “cerimônia de minha adoção” e como começasse a anoitecer, todos se entregaram à vida costumeira do acampamento - os objetos roubados foram repartidos e a carne trazida foi posta para assar.

As labaredas da fogueira elevaram-se a grande altura e os bugres dançavam à sua volta com enorme alarido. Felizmente não precisei participar desta diversão, pois *Kruro*, da qual eu não mais largava, estava, com o cacique e suas demais mulheres, sentada no centro do acampamento, sem tomar parte da gritaria e das danças. Mas quando chegou a carne assada, avancei nesta com gosto, porque durante o dia inteiro nada comera e minha fome era imensa.

Este comportamento de comemoração durou até bem tarde, noite adentro, e quando finalmente deixaram o terreiro das danças, estavam tão cansados e

sonolentos que logo se recolheram e, em pouco tempo, dormiam no mais profundo sono.

Na manhã seguinte, quando acordei, já era dia claro e o sol estava alto, entretanto todos ainda dormiam e quando recordei, com horror, os acontecimentos da véspera, pensei em levar a efeito um plano de fuga.

Mas fugir para onde! Em que direção seguir para sair do mato? Não tinha a mínima idéia para que lado deveria correr e quando meu olhar caiu sobre a mulher adormecida, que me adotara como filho, decidi que era preferível ficar ali, o que seria bem melhor que talvez perder-me naquela escura e infundável floresta, infestada de cobras venenosas e animais ferozes.

No mesmo dia os bugres levantaram acampamento e marchamos, dia inteiro, mato a dentro, onde, na parada, foram armados novos ranchos. E assim, dia a dia, seguimos a marcha sempre para mais longe, muito para o interior da sombria e imensurável selva.

As jornadas diárias eram, geralmente, muito curtas e isso tinha vários motivos. Primeiramente porque os bugres não gostam, absolutamente, de fazer esforço que lhes provoque cansaço, e depois deve-se considerar que é necessário interromper a caminhada cedo, na tarde, a fim de que haja tempo suficiente para a montagem dos ranchos e, o que é mais importante, arranjar alimentos.

Cumprir dizer que estes selvagens são, exclusivamente, nômades da floresta, não se ocupando de qualquer criação de gado, nem agricultura e, por consequência vivem sob o lema “da mão para a boca”, sendo fácil compreender que encontrem muitas dificuldades em obter os alimentos, no que são, não raras vezes, obrigados a jejuar, sofrendo, involuntariamente, fome por diversos dias.

Uma das mais importantes fontes de alimentação diária dos índios são as abelhas silvestres, das quais a selva abriga várias espécies. Os selvagens são muito hábeis em descobrir e esvaziar abelheiras. Sobem até o ponto mais alto das árvores, apanham a colméia, extraem as favas - e sempre encontram algumas, mesmo fora da época apropriada para a extração do mel, pois não somente o consomem, como comem as favas e devoram as larvas das abelhas.

A caça vem somente em segundo lugar e o resultado de sua prática depende muito de possuírem ou não, cães adestrados. O cão é o único animal doméstico que os bugres mantêm, mas como não lhes prestam os cuidados adequados, maltratando-os, além de serem muito feridos pelos animais ferozes, como os felinos, razão porque facilmente morrem.

Por esse motivo a tribo, não raras vezes, fica sem cachorro algum e só quando ocorre novo assalto é que tornam a se apoderar de cães para poder vol-

tar à caça, e caso não arranjem espécime algum, eles próprios, os bugres, são forçados a assumir, no acossamento, o papel de cachorros.

Todavia isso não é uma arte fácil, pois com suas armas primitivas, só muito raro, conseguem apanhar caças maiores.

A pesca, estranhamente, desconhecem e assim ficam privados de uma rica fonte de alimentos, fácil de obter e que existe farta e abundante. Nunca cheguei a saber a razão porque desprezam o peixe, que lhes causa tanto nojo quanto ao branco causaria vê-los comer madeira, cupins, térmitas, carrapatos e até mesmo piolhos dos quais se alimentam sofregamente.

Quanto a mim, devo confessar que foi muito difícil acostumar-me à alimentação dos botocudos, pois além dessas “delícias” culinárias, eles gostam da carne já meio putrefata e para as festas especiais, preparam uma “cerveja de cusparadas”, elaborada com frutos mastigados que não é uma bebida que se bebe com prazer, mormente quando se observa a maneira como é produzida.

No entanto o ser humano a tudo se acostuma, principalmente quando se é criança e desta forma, para grande satisfação de meus novos pais, em pouco tempo adotei os costumes e estava perfeitamente identificado com a tribo. Em três meses falava o idioma indígena que passei a dominar tão bem quanto o português.

Durante meses a fio continuamos a viagem, marchando nem sempre na mesma direção, porque, várias vezes, cruzamos picadas que anteriormente percorrêramos e tornávamos a passar por lugares nos quais havíamos, há tempos, feito acampamento.

Certo dia chegamos a um rio maior, o que foi saudado com ruidosa alegria. Instalamos um confortável pouso e à margem dum afluente mais abaixo, foram feitas “tranqueiras” para apanhar antas, pois topamos com numerosos rastros que prenunciavam boa caçada.

Essas “tranqueiras” - armadilhas para pegar antas, eram preparadas nas principais passagens percorridas pelos animais e consistiam de troncos derrubados nas margens e caídos no rio, que reunidos, eram após atados uns aos outros, de sorte que os tapires, apesar de bons mergulhadores, não podiam escapar nem para cima ou rio abaixo, pois eram barrados pelos baraços. Depois de enxotados, de um lado para outro, até cansarem, eram abatidos através de machado, lanças ou flechas.

Caso, desta maneira, conseguissem caçar um animal, a seguir havia grande festa que, via de regra, só terminava com o último pedaço de carne. E isso não durava muito, porque as trinta pessoas que compunham nossa tribo, comiam grande quantidade de carne quando a tinham, e por isso geralmente a festa

acabava com alguns doentes de tanto comer, pois “devoravam” tanta carne que, não raras vezes, resultava em mortes.

Como naquele sítio havia muitas antas e também outra caça, prolongaram a permanência por muitas semanas e, nesse ínterim, os homens trabalhavam na confecção de um grosso cabo de amarra que faziam de lascas rachadas de taquara, torcendo-as em treliça.

Com esta corda, de acordo com o que me explicaram os meus companheiros tribais, queriam ligar, pela amarração, as duas margens da “água grande”, como simplesmente denominavam o rio.

Não compreendi bem o que pretendiam, porque para atravessar o rio, não era necessário o cabo, pois ali no acampamento a largura do leito d’água era pouca e o nível até bem raso, de modo que nosso pessoal cruzava, diariamente, a água em todas as direções, sem precisar nadar.

Apesar de minha pouca idade, por fim, percebi que nem mesmo os próprios bugres sabiam a razão do porquê estender a dita corda sobre o rio. Era apenas uma antiga tradição que talvez não abandonaram e significasse que desse modo acreditavam assegurar seu direito de posse sobre ambas as margens do rio, além de servir de corrimão para a travessia com segurança.

Destarte quando prosseguimos nossa marcha, o cabo foi estendido e o feito quase foi aproveitado, pois todos passavam a vau, pela água, e só no meio do cabo, onde chegava bem próximo ao espelho d’água, era tocado com a mão, como uma forma de apenas cumprir a tradição, sendo pegada por todos, pelo menos uma vez.

A região que deixávamos para trás, como bem podem imaginar, foi totalmente explorada. Todas as colméias foram esvaziadas e a caça que não puderam matar, fugiu para outras paragens. Contudo, facilmente, poderiam ter encontrado outro lugar de caça, não muito distante, no máximo um dia rio acima ou abaixo, mas tal procedimento os índios não exerceram. Tomaram a margem oposta e rumaram em ângulo reto do rio em direção à serra e logo estavam nos íngremes desfiladeiros das encostas das montanhas, onde o alimento era escasso porque a caça, nesta região, nada rendia.

Não demorei a perceber que nesta caminhada rumavam, perseguindo uma orientação especial e definida, objetivando uma finalidade importante, porque, às vezes o cacique se reunia em “conselho de guerra” com os bugres mais velhos, a fim de deliberar a maneira de alcançarem, mais facilmente, determinada região.

Também vi como, freqüentemente, examinavam os frutos e as florações de certos arbustos e árvores para determinar, pelo amadurecimento e pela flo-

rescência, a aproximação de algum período que lhes parecia ser de relevante importância.

Inicialmente não me foi possível compreender coisa alguma disso e quando a respeito perguntava à minha mãe adotiva, ela respondia com brevidade que estava para acontecer um grande evento, enquanto seu semblante demonstrava júbilo e transmitia tanta satisfação quanto estampa um cristão piamente crente em Deus quando se reporta à festa do padroeiro de sua cidade ou aldeia.

Transcorrido algum tempo, chegamos a um território maravilhoso onde havia densa floresta de pinheiros - era este o local que, desde semanas, demandávamos.

Apesar de havermos chegado ao lugar alvo de nosso destino, os bugres aparentavam descontentamento - comunicavam-se em voz baixa e quando alguns guerreiros enviados pelo cacique em todas as direções, voltaram trazendo respostas negativas, todos abaixavam as cabeças tristemente.

Um belo dia, porém, as coisas mudaram. Levantaram-se mais cedo que de costume - as festas noturnas, devido ao ambiente um tanto preocupante, há muito não aconteciam, e já se preparavam para dividir-se em grupos, a fim de executar as tarefas diárias, quando se ouviu ao longe, um prolongado grito humano.

Nisso, os membros da minha tribo modificaram sua atitude. Todos levantaram-se, ruidosamente alegres e os jovens guerreiros precipitaram-se matadentro na direção donde partira o grito.

Era outra tribo de botocudos que se aproximava a fim de reunir-se à nossa - compunha-se, mais ou menos de idêntico número de pessoas, porém aparentavam não possuir um chefe, porque desde o princípio obedeciam às ordens que o nosso cacique lhes dava.

A partir daí começou uma vida nova, muito movimentada. Fizeram um grande pouso para acampar e o cercaram com uma espécie de linha de defesa que consistia, em parte de uma série de fossos no chão com alçapões, complementada por um ripado de cerca, bem ligado e fechado.

No decorrer do dia juntaram-se a nós ainda outras tribos e com sua chegada a alegria de todos crescia sempre mais. Por fim iniciaram a fabricação de tonéis com troncos de árvores para servirem de recipientes na preparação de maior quantidade de “cerveja mastigada”, juntando ainda à bebida, mel e o milho - estas últimas, provisões trazidas por uma das tribos como produto de um assalto recente.

Antes eu disse que a primeira tribo encontrada não tinha chefe, entretanto me exprimi erradamente, porque na realidade o tinha, porém sua posição hierárquica era inferior a do nosso, e sua autoridade, bem como suas ordens, só eram válidas quando estava sozinho com sua tribo, isto é, em ação fora do acampamento principal. Só com o correr do tempo e aos poucos, fui compreendendo toda essa confusa organização, apesar de não ser difícil entender, em virtude de ser tudo bastante simples.

O nosso cacique era o chefe supremo de um grande ramo de botocudos. Mas como nem todos podiam sustentar-se num único lugar, ele os dividiu em vários grupos, dando a cada facção, um chefe, seu subalterno, sob o comando do qual o grupo repartido percorria a floresta, podendo assim viver melhor.

Todos os anos, esses diversos grupos se reuniam numa época determinada e em local previamente combinado para celebrar a “*festa da irmanação*”² que era a comemoração que ora se realizava.

Provavelmente ficarão curiosos em saber de quantas pessoas se compunha toda a nação dos botocudos, no entanto só posso, aproximadamente, calcular seu número. Estimo que, consideradas as mulheres e crianças, talvez fossem duzentos indivíduos. Contudo, esta avaliação é grosseira, pois o sistema numérico e de contagem dos botocudos é muito restrito, e eu próprio, naquela época era muito moço e não suficientemente desenvolvido para que pudesse fazer contas.

O botocudo, como é do conhecimento geral, só conta até três, entretanto, os mais inteligentes da tribo, concebem a noção numérica até vinte. O número quatro, por exemplo é representado por “*dois mais dois*” e cinco por “*uma mão*”, e assim segue: “*uma mão e um*”, “*uma mão e dois*”, “*uma mão e três*”, “*uma mão e dois mais dois*”, “*duas mãos*”, até os pés, onde contam os dedos. Além de vinte, nunca vi algum que contasse, pois a partir daí, a quantidade passa a ser “*muito*”, “*muito-muito*” e “*incontável*”.

Quanto à impressão que minha pessoa causou aos inúmeros índios recém chegados, não posso dizer coisa alguma, nem mesmo se me olharam com curiosidade ou se ficaram surpresos com a minha presença. Admitiam, simplesmente, como um fato, sem questionar as razões ou motivos, pois só lhes interessavam os preparativos para a “*festa*” tão ansiosamente aguardada como o objetivo

² Festa da Irmanação ou Festa da Fraternidade. Após a criação do “Dia do Índio”, na região sul do país, os “Xockleng”, celebram a “*Festa do Ky-Ky*” na entrada do inverno, aliás observando a mesma estação de seus ancestrais, quando reúnem-se e preparam a bebida, denominada “*Ky-Ky*”, em razão dos frutos fermentados em troncos escavados de árvores, aos quais adicionam o hidromel.

máximo do botocudo, que para tanto havia recolhido provisões, destinadas para tal dia especial do seu calendário. Eles acumularam os produtos, estocando-os especificamente para essa finalidade, procedimento que não observam para qualquer outra ocasião, quando imediatamente consumiam tudo quanto coletavam.

E o dia da festa afinal chegou.

Começou com o cacique separando os jovens que, no decorrer do último ano, alcançaram a puberdade, reunindo-os no centro do pátio e declarando a todos os presentes que a cerimônia iria ter início e que os rapazes ingressariam na categoria de guerreiros.

Quando o cacique terminou de falar, todo o acampamento vibrou de júbilo e a festa propriamente dita teve início com a abertura das pipas de “cerveja”.

A “cerveja” que na verdade não tem gosto tão ruim quando lhe adicionam mel, adquiriu um teor alcóolico bastante elevado e a beberagem não demorou a manifestar-se nos bugres; velhos e jovens ficaram muito animados.

Aos jovens candidatos a guerreiro foi oferecida maior quantidade de bebida e quando era meio-dia já estavam bastante embriagados, alcançando, alguns, o estado de inconsciência. Foi quando lhes perfuraram os lábios, a fim de introduzir no orifício o dito “botoque”, daí a razão desses índios serem chamados botocudos.

Essa operação não é tão simples, pois o lábio é cortado mediante um processo de incisão em que o instrumento usado para a referida abertura do orifício, não é afiado, porque o fazem com um “punção” de madeira, especialmente confeccionado para tal fim, que é muito rombudo e cego, vindo a produzir tamanha dor ao paciente que, embora embriagado e inconsciente, dava altos e lancinantes gritos.

Finda a operação, a euforia atingiu o clímax, bebiam e dançavam sem parar. Mas à noite todos se recolheram, relativamente cedo, e dormiram até altas horas do dia seguinte.

Na manhã do dia seguinte, após se levantarem, o ambiente era de silêncio e preocupação. Poder-se-ia pensar que o fato era consequência natural do álcool ingerido, e talvez fosse o caso de ressaca, porém o motivo principal da tristeza das mulheres e da preocupação dos homens era pelo que estava por acontecer - o ato principal da “*festa da irmanação*” - que poderia ser traduzido como sendo a “*reconstituição das famílias*”.

Esse ato tinha início com a separação de todos os participantes da festa por sexo, em dois grupos. No meio da clareira, contido num círculo maior, ha-

via outro menor, separado do primeiro por um espaço livre. Neste círculo pequeno, se postava o cacique e diante dele, à direita colocava os homens, e as mulheres, à esquerda.

Quando todos estavam devidamente posicionados, os jovens guerreiros que no dia anterior tiveram os lábios perfurados, foram os primeiros a receber ordens de adentrar no círculo.

Seus lábios foram, novamente, examinados para constatar se os “botoques” estavam bem aplicados e seguros e, em seguida o “Pataema” marcou-lhes os rostos e queixo, riscando vários sinais com carvão, sendo-lhes designado um lugar no círculo dos guerreiros.

Tão logo os recém empossados guerreiros saíram do círculo, deixando o espaço livre, este foi ocupado pelas moças que no decorrer do último ano também atingiram a puberdade. Com elas não se fez muita cerimônia, e depois de poucas palavras do cacique, foram mandadas retornar ao grupo de mulheres.

Nisso o cacique declarou que a “*reconstituição das famílias*” começaria e que ele próprio a iniciaria. Feita essa comunicação a excitação atingiu o limite. Reinava um silencioso tumular, como jamais se verificava num acampamento de bugres.

Kruro, minha mãe adotiva, estava muito nervosa, com todo o corpo a tremer e olhava para o cacique com os olhos marejados de lágrimas. Este tinha seus olhos voltados para as moças - examinando-as, uma a uma, e quando se decidiu pela mais bonita de nome “Mendosa”, chamou-a, passou seu braço em volta de sua cintura e declarou-a sua esposa número um.

Minha mãe adotiva mal se agüentava de pé, tamanha a fraqueza que se apossara dela. Entretanto mais ainda pareciam sofrer as outras duas mulheres mais velhas do cacique, pois sabiam que mais de três esposas o cacique não queria possuir, e caso ele resolvesse tomar todas as três do grupo de jovens ou se contentasse em tomar apenas uma “nova”, então resultaria que pelo menos uma das antigas teria que se retirar - e para a mulher indígena, não ter um homem, é a pior e mais insustentável situação que pode ocorrer.

O cacique se contentou com somente uma nova mulher, e em segundo lugar chamou Kruro e para terceira, hesitou um pouco, parecendo que lhe era difícil a escolha entre as duas antigas, cujo medo do resultado se via estampado no rosto de ambas. Afinal teve que decidir e a mulher sobre a qual recaiu a escolha, levantou-se alegre e com um grito de alegria pulou para o seu lado.

As queixas e a tristeza da repudiada, naturalmente, foram muitas, mas sem dúvida ela era uma mulher inteligente, pois em vez de lamentar-se ou mesmo zangar-se, ela prudentemente, tomou outra atitude para escapar da “fal-

ta” que lhe faria um homem. Deu um pulo até a frente do cacique e de mãos estendidas, implorou-lhe :

“Ó grande e poderoso cacique, não me quiseste mais como tua serva e este é teu direito - mas, ó valente chefe, não me deixes sozinha sem um homem, designa-me como serva de um de teus guerreiros”.

Essa conduta impressionou o cacique e também a maioria dos guerreiros, provocando aplausos. E em resposta, o cacique falou-lhe :

“Em virtude de teres, tão resignadamente, aceito a minha decisão, não te quero ser ingrato e assim designo o jovem guerreiro “*Matambá*” para ser teu homem.

A mulher podia dar-se por satisfeita, pois a troca lhe fora bastante favorável. Passou de uma posição não muito significativa, de terceira esposa do cacique, um homem já adentrado nos anos, para os braços de um jovem e fogo guerreiro. E este também não podia se queixar, pois entre os botocudos não é permitido a um moço receber uma jovem por esposa. São os velhos e influentes guerreiros que reclamam para si estas flores desabrochando.

Os rapazes recebem mulheres velhas que os outros não querem mais - e como a mulher rejeitada pelo cacique era bem bonita, o guerreiro e jovem marido ainda podia dar-se por muito bem aquinhoadado.

Depois do cacique, chegou a vez dos demais guerreiros, primeiramente dos mais velhos e poderosos em “renovar sua família”. Entretanto o modo de agir era bem diferente e alguns não quiseram alteração alguma.

As moças eram as primeiras a ser requisitadas e assim logo “esgotaram”, pois os guerreiros mais velhos, evidentemente, trocaram-nas por suas mulheres mais velhas, ou tomavam uma jovem por segunda esposa, porém conservando a outra, pois três esposas era privilégio exclusivo do cacique.

Depois que todos os velhos guerreiros “reconstituíram suas famílias”, o restante das mulheres foi distribuído aos jovens guerreiros que tinham recebido o “botoque”, mas como cada um deles só podia ter uma mulher, acabaram sobrando três mulheres velhas.

Concluída a “renovação das famílias”, entregaram-se à animada festa que embalaram desde o anoitecer até metade da noite.

Na manhã do dia seguinte levantaram acampamento, dissolvendo-se nos diversos grupos que partiram em todas as direções dos quatro cantos do mundo.

Nisso recomeçou a atividade monótona de antes. Vagamos por meses inteiros pela floresta, sem que a rotina fosse alterada.

Certo dia cruzamos uma estrada, era um caminho para cargueiros muars que ligava o planalto à região litorânea e, provavelmente, nos encontrávamos

outra vez próximos a uma colônia de brancos, pois os caçadores traziam de suas incursões balaio com espigas de milho, no início ainda verdes e posteriormente já amadurecidas. Esta circunstância era logo aproveitada para preparar a “cerveja de mastigação”.

Mas dessa vez não acondicionaram-na em pipas, como na festa da irmanação. Utilizaram “*tipiti*”, uma espécie de cesto sem alças, firmemente trançado, que era vedado por dentro com cera de abelhas. Diversos destes foram colocados em covas especialmente adaptadas, em forma de berços para ali, em repouso, a mistura fermentar.

Dentre outras coisas, soube que neste ano não se realizaria a “*festa da irmanação*”, todavia não consegui descobrir o verdadeiro motivo do cancelamento. Às minhas perguntas, sempre recebia respostas evasivas, tais como “assim deveria ser” e ainda a alegação de que a “chuva branca”, ocorrida há dois anos passados e acompanhada de gélido frio que assolou o planalto, congelando as lagoas, queimara as flores dos pinheiros e portanto, no presente ano, não teríamos pinhões.

Esta fruta, em verdade, requer períodos de dois anos desde a floração até a apresentação da pinha madura e caso tivesse ocorrido intensa geada e neve, queimando sua floração, então, não poderíamos colher pinhões, conforme sempre fazíamos no final do outono, e isto para mim estava claro.

Entretanto eu não podia estabelecer relação entre os pinhões e a festa da irmanação, pois no evento do ano passado não vira fruta alguma no acampamento. Além disso, se quiséssemos fazer uma festa e nos faltasse o milho, então beberíamos cachaça. Mas, a essência do ser selvagem é duma natureza espiritual complexa - eles, no nosso entendimento, não têm noção alguma do que seja “direito” e “propriedade” e seus respectivos contrários, não sabem distinguir o “meu” do “teu”, contudo, entre si, existem princípios que observam e cumprem à risca, apesar de muitas vezes não saberem a razão nem o sentido dos procedimentos.

Estávamos nos avizinando de uma colônia de brancos e algumas vezes, quando subi em altas árvores para tirar abelheiras, tive a oportunidade de ver, ao longe, as clareiras e nelas divisei as casas dos colonos.

Fui naquela oportunidade tomado de profunda comoção - uma saudade imensa da minha vida de civilizado, como tinha antigamente, se apossou de mim e pensei nos meus queridos pais mortos. Nisso a minha vida com os indígenas me pareceu bastante indigna, apesar de tê-la aceito e me adaptado razoavelmente bem às suas condições, e tive ímpetos de voltar ao convívio dos meus.

Essa repulsa que me dominou, levando-me a auto reprovação, aumentou ainda mais quando notei que meus companheiros estavam preparando um ataque aos colonos brancos.

Mas nada podia fazer, pois não me sentia suficientemente forte e corajoso para correr em direção às casas a fim de preveni-los do perigo que corriam. Os bugres logo perceberiam a fuga, me perseguiriam e certamente me alcançariam, tornando a apoderar-se de mim. E mesmo que eu conseguisse sucesso na fuga, como seria recebido pelos brancos ?

Eu, com minha nudez e de cabeleira cortada parecia um legítimo bugre! E finalmente fiquei com pena de minha mãe adotiva, de abandoná-la desta maneira, a ela que me acolheu com tanta bondade e que me dava tanto amor e carinho.

Mas foi inevitável, certo dia aconteceu. Por várias vezes o grupo de atacantes saiu de manhã, com os balaies, entretanto não teve oportunidade de praticar um grande assalto, pois só trouxeram milho roubado e eu fazia votos que não passasse disso.

Mas como disse, acabaram conseguindo atacar.

Mataram alguns brancos e afugentaram os demais. Em seguida saquearam algumas casas, porém não lograram arrebataram muitos produtos na pilhagem, todo o butim não passava de poucas peças de roupa e ferramentas, donde se depreendia que as vítimas eram sem dúvida gente muito pobre.

A minha maior tristeza foi que Kruro, minha mãe adotiva, participou do assalto. Além do mais ela estava tomada de grande alegria e, depois que o cacique fazendo valer seu direito de marido, retirou para si as melhores peças que o balaio continha, também me presenteou com alguns objetos roubados: uma faca de mesa, um lenço colorido já desbotado e um pedaço de vidro de janela, ao qual minha mãe adotiva parecia dar especial importância, pois repetidamente examinava sua consistência e transparência.

Obviamente estes objetos roubados não me deram alegria alguma, ao contrário, voltou-me a lembrança do assalto que me trouxe à convivência com meus atuais companheiros e senti enorme amargura.

Com o passar do tempo me habituei tanto ao modo de vida dos selvagens, que minha descendência branca quase desapareceu da minha memória. Mas, naquele momento percebi quão profundo era o fosso que me separava desse povo.

Quando Kruro notou a minha depressão, ficou surpresa e quando lhe falei o motivo e, delicadamente, a repreendi por ter ajudado a roubar e matar meus conterrâneos, ela não atinou para o que eu lhe dizia.

Os brancos lá fora - disse ela - são nada menos que “*cocolés*”³ e matá-los em nada se diferencia do ato de liquidar um animal selvagem ou outra fera qualquer.

No tocante a mim, sobretudo reportando-se à razão de me haverem recolhido por ocasião do assalto, esclareceu que assim procederam porque eu não me parecia, em nada, com um “*cocolé*”. Além disso eu já então pertencia inteiramente a ela que me criara como filho, e à sua gente, sendo inadmissível criticar usos e costumes que há tempos imemoriais eram praticados por sua tribo. Eu não me deixei convencer, porém igualmente ela não cedia nem um pouco em suas opiniões. Não que odiasse os brancos, o que não era o caso, mas estava convicta de que eram nada além daquilo que nós civilizados, consideramos inerente a um animal.

Infelizmente esta nossa troca de palavras chamou a atenção dos demais e de súbito, o cacique estava diante de nós e em nossa volta postavam-se outros curiosos.

O cacique mirava alternadamente para mim e para minha mãe adotiva e seu olhar estava tão severo como jamais vira antes.

“Então ele quer ser um “*cocolé*”? Começou dizendo, sempre a olhar com raiva para Kruro.

“Você o criou muito bem, pelo que vejo! Mais de dois verões e dois invernos estive conosco e pensei que se tornara um dos nossos. Já divisava com orgulho que depois de receber o “*botoque*”, poderia tê-lo entre os guerreiros e agora acontece isto! Enganei-me acreditando na sua capacidade de educar. Em vez de nos trazer um irmão, cria um inimigo em nossa tribo”.

Depois do discurso do cacique começou um grande tumulto. Kruro gritava alto e se jogava aos pés do seu amo pedindo perdão, enquanto o resto da tribo se atirou sobre mim e tive a certeza que pretendiam de vez acabar com a minha vida.

Mas isto não ia ao encontro dos objetivos do cacique. Não porque tivesse pena de mim ou quisesse proteger Kruro, de maneira alguma. Sua intenção era bem outra. Ele necessitava de nova oportunidade para reafirmar sua posição de comando, mostrando aos seus súditos como era benevolente e agia com inteligência.

Ele precisava de um motivo, pois desde quando, no ano anterior, tomara a jovem Mendosa por esposa, havia se rendido totalmente ao seu fascínio. E como ela há pouco tempo lhe dera um belo filho homem, seu amor pela jovem

³ *Cocolé - inimigo.*

não tinha mais limites. Esta era uma legítima filha de Eva - sabia aproveitar a paixão do velho cacique e fazia dele o que bem queria. Assim não permitia mais outras mulheres ao seu lado e queria que seu rebento fosse declarado futuro cacique.

Entretanto todas estas suas pretensões conflitavam com os costumes dos botocudos e além disso os guerreiros haviam reclamado das determinações do cacique, quando tiveram de curvar-se aos caprichos de Mendosa, submetendo-se às ordens de uma chefia de mulheres e isso o botocudo jamais admitiria.

Esse fato chegou-lhe como por encomenda e na hora certa. Ordenou aos guerreiros que me soltassem e depois que olhou para Kruro e para mim, conforme tive a impressão, o fazia com uma simpatia um tanto forçada - ele emitiu seu julgamento:

“Há pouco fui muito severo, entretanto, o caso não é tão grave. A “criança achada”, maneira como me chamavam, “ainda não é nossa inimiga, só até agora não entendeu exatamente que pertence a nós. E isto, Kruro, é culpa sua, você não cumpriu direito os seus deveres de mãe! Por isto terá que realizar esta missão a partir de agora, dedicando-se de corpo e alma à educação do garoto. Em virtude disso a libero das obrigações de “segunda esposa” - e você, referindo-se a mim, “seja atento e obediente e não demore a demonstrar provas de que, efetivamente, é um dos nossos, a fim de que se torne um bom guerreiro, pois a idéia de que poderia ser meu sucessor, como anteriormente eu pretendia, já não alimento mais, após constatar o que aconteceu hoje”.

Os companheiros do grupo se deram por satisfeitos com essa decisão, principalmente Mendosa, pois desta forma quase todos os seus desejos estavam realizados! Mas ainda existia a terceira e mais velha das esposas, todavia esta não era empecilho algum aos seus objetivos exclusivistas, porque a reduzira à condição de servente. Desse modo, com a exclusão de Kruro, passou a ser de fato a “única rainha”.

Quem mais sofria com a nova situação era minha mãe adotiva, contudo ela não me culpava por isto. Conhecia muito bem os motivos que levaram o cacique a decretar a dissolução da comunhão matrimonial, além de não achar tão grave o meu erro. E interessante, em vez de intensificar minha educação para identificar-me como um autêntico botocudo, de acordo com as instruções que o cacique ordenara, começou por vezes a dialogar comigo acerca dos brancos e pediu que eu lhe dissesse mais a respeito da vida de meus conterrâneos. Desejava saber se entre os brancos, os “cocolés”, também havia “festas da irmanação”, como se confraternizavam e como realizavam a “reconstituição das famílias”. Porém muito não podia contar, pois sabia que havia grandes festas,

entretanto se eram “de irmanação”, naturalmente, não poderia afirmar. Mas que entre nós todo homem só tinha uma mulher - e isto para sempre, eu sabia com certeza, e esta condição e comportamento dos meus patrícios agradou muito à Kruro.

Certa noite um guerreiro retardatário veio com a notícia de que os “*Caecés*” estavam por perto. Eu não sabia o que a palavra significava, pois os bugres entre si denominavam-se “irmão” e “irmã”, todas as demais pessoas eram “*co-colés*”.

Dos “*caecés*” que quer dizer “amigos”, nunca ouvira falar, e isto me pareceu bastante estranho, pois notei que destes chamados amigos aparentavam ter muito medo, e isto também se percebia na conversa dos guerreiros e pelas caras amedrontadas das mulheres.

Finalmente consegui, através do diálogo com minha mãe adotiva e pelo que ouvi das conversas dos guerreiros, ter uma visão mais ampla da “nação” dos botocudos. E relatar todo o seu histórico soará para muitos tão obscuro e lendário que dificilmente acreditarão na sua veracidade.

De acordo com o que me foi possível apurar, a tribo dos botocudos foi, há passados inúmeros anos, um grande povo, *sedentário*, que habitava em reduto fixo.

Porém quando os invasores brancos chegaram mais próximos, provocando a escassez da caça, tiveram que decidir-se pela sua divisão, repartindo-se em grupos. Só o rei ficou com um contingente, residindo na primitiva sede. O restante ele retalhou em várias facções, designando um cacique da casta real para cada uma das tribos, que se espalharam por todos os cantos da floresta a fim de melhor poderem prover sua subsistência, impedindo ao mesmo tempo, o avanço dos brancos.

No princípio realizavam na corte do rei a “festa da irmanação”, o que observaram por continuados períodos. No correr do tempo espaçaram a reunião para intervalos maiores e nestas ocasiões efetuavam a colocação dos “botoques”, praticando a “reconstituição das famílias” - procedendo mudanças quanto à investidura de caciques e, em virtude desse conagraçamento na corte real, possuíam o mesmo idioma e idênticos costumes.

Entretanto, na sucessão dos anos, com a aproximação sempre maior dos brancos, as reuniões tornaram-se mais difíceis, além de alguns grupos terem abandonado sua fidelidade, porque não pretendiam continuar dependentes da dignidade do monarca, o cacique. Teriam surgido desavenças entre diversos ramos, tudo isto provocando na seqüência histórica, total distanciamento entre os vários segmentos tribais, a ponto de fazer com que, na atualidade, cada ramo

autônomo, tenha seu próprio cacique cujo posto respeitam como sendo o de maior proeminência.

O ramo tribal cuja aproximação acabavam de anunciar, caso não houvesse nos últimos anos acontecido alterações, estaria sob o comando do cacique “Pé Grande” e deveria ser muito numeroso.

O “Pé Grande” era um homem violento e cruel, que em razão dessas suas atitudes, há muitos anos passados tivera uma séria discórdia com o nosso cacique que se chamava “Água Clara”, e a desavença quase resultou numa guerra entre as duas tribos.

No momento não se sabia, com precisão, se “Pé Grande” havia esquecido a dissensão, como era o caso de nosso cacique que relevava a questão. Esperaria o outro chefe, com um grande número de guerreiros, enfrentar a nossa fraca tribo de seu dito “amigo” para dar-lhe uma lição?

Estavam cientes que “Pé Grande” trazia muita gente consigo e isto depreendia-se pela espessa nuvem de fumaça das fogueiras ao longe, enquanto a nossa tribo estava desfalcada de muitos membros que adiantaram-se à nossa frente, seguindo à caça, e agora estávamos isolados, afastados por dias, talvez semanas, do grosso de nossos guerreiros. Os problemas da presente situação eram de provocar dores de cabeça no cacique.

Seria melhor seguir em “marcha forçada” para nos reunirmos ao resto de nossa tribo antes que o “amigo” percebesse nossa presença? Deveria enviar um mensageiro aos nossos guerreiros, “irmãos” da vanguarda, para que regresassem imediatamente? Ou então, confiante, partir ao encontro dos “amigos” e cumprimentá-los?

Mas afinal tudo se resolveu diversamente, pois enquanto o cacique quebrava a cabeça, procurando encontrar uma solução, ouviu bem perto a sonora voz de “Pé Grande” :

“Irmão Água Clara, você não me dá boas vindas?”

“Água Clara”, com um salto, levantou-se apavorado. Mas só por um instante durou o susto, depois fingiu a maior alegria e, desarmado, correu em direção ao local donde partira a voz.

“Bem vindo, querido irmão! Que alegria me trazes “Pé Grande”, visitando este meu miserável pouso!”

Os dois saíram da floresta e foram para o meio do acampamento, quando os guerreiros, da mesma forma, levantaram-se e expressando alegria cercaram os dois caciques.

Essa atitude foi acertada, pois caso demonstrassem ou cometessem um só gesto de desconfiança ou hostilidade, seria o fim de nossa tribo, porque “Pé

Grande”, para sua visita, não trouxera consigo menos de quarenta guerreiros bem armados. O perigo passara.

Os “amigos” juntaram-se aos nossos guerreiros e sentados junto à fogueira, riam e conversavam. Nisso pude constatar que o idioma dos “amigos” já se diferenciava muito do nosso.... Minha mãe adotiva, explicou-me que essa dissimilaridade era pouca, haviam outros ramos da tribo com os quais não podiam se entender, tanto a língua se modificara com o tempo.

Na seqüência visitamos os diversos grupos de “Pé Grande” e enviamos mensagens para chamar ao acampamento todos os grupos do nosso ramo para que, igualmente, tivessem a oportunidade de renovar o bom relacionamento com os “amigos”.

Os dois caciques se entendiam bem, porém os dois “*Pataemas*” não, pois “Pé Grande” também trouxera o seu curandeiro, e eles não conseguiam se entender. Mantinham “divergências religiosas”, entretanto não pude compreender do que se tratava. Era mesmo muito difícil entender algo sobre a crença dos bugres, mas pareceu-me, de acordo com o que Kruro me contara, não haver uma legítima crença preestabelecida, com princípios constantes. Além disso os “*Pataemas*” tratam dos assuntos religiosos como bem entendem, e referente à “história sagrada” contam lendas sem impor fé doutrinária, nem são consideradas como dogma ou motivo de fé pelo povo, admitindo-se também incluir nos contos tradicionais qualquer outra lenda recém criada. Entre eles também existe a tradição oral do dilúvio.

No transcurso das semanas, chegaram nossas tribos que reunindo-se às demais, formaram um vigoroso contingente de guerreiros, capacitando-os a começar a prática de ações mais rentáveis. Quase diariamente empreendiam, aqui ou acolá, assaltos às colônias e vivia-se na maior fartura, pois carne havia à vontade e também “cerveja” não faltava, já que a região era rica em mel, e o milho traziam das plantações dos brancos mortos ou expulsos.

Os repetidos sucessos dos bugres os tornaram sempre mais audazes, e ao contrário do seu costume, ficaram por semanas e até meses, no mesmo lugar resolvendo inclusive festejar, em conjunto, o próximo encontro da “irmanação” naquele local.

Contudo os vingadores dos brancos assassinados não dormiam no ponto. E quando ao alvorecer de um dia, o acampamento das tribos estava despreocupado e profundamente adormecido, após uma noite de alegria, apareceu, repentinamente, um grupo de caçadores de bugres que saltaram para dentro do reduto, gritando e dando tiros por todos os lados.

Os bugres terrivelmente assustados com os tiros deflagrados para matar, levantaram-se e fugiram como loucos pelo mato adentro. Acompanhavam-nos as mulheres que não tinham filhos ou que possuíam apenas um, mas aquelas que tinham crianças pequenas e não podiam carregar a todas fugindo tão rápido, jogaram-se no chão e aos pés dos brancos pediam misericórdia. Mas os vitoriosos caçadores brancos, apesar de lhes implorarem clemência, não conheciam perdão, massacraram mulheres e crianças, dizendo que era necessário exterminar até o último daquela raça de bandidos assassinos que não mereciam qualquer piedade ou compaixão.

Minha mãe adotiva também procurou fugir e a todo custo quis levar-me consigo. Eu, no entanto, achei que tinha chegado a hora de livrar-me do cativo indígena.

Segurei-me com força num palanque do rancho e enquanto Kruro, puxando por onde podia, tentava arrastar-me e insistia, até suplicando, que fugisse com ela. Porém, eu procurava me recordar do que ainda sabia do meu minguado português e gritava para os assaltantes brancos que também era um branco, seu conterrâneo, e que ali estava porque fora raptado pelos bugres.... e que não me matasseme assim por diante.

Mas da pobre Kruro, minha fiel e dedicada mãe adotiva que com tanto desvelo cuidara de mim, dando-me todo seu amor e carinho, eu, *o ingrato*, na confusão daquele momento, não me lembrava.

Não posso culpar os brancos por pensarem que deveriam livrar-me dela.

Mas quando ela foi atingida por uma bala no peito que lhe perfurou o coração e me lançou, sorrindo, um último olhar cheio de amor e reprovação, para em seguida cair morta no meio do acampamento, só então entendi o que eu tinha feito e soltando um grito de dor, me atirei chorando para abraçar o seu corpo sem vida.

Tudo porém estava terminado. Os brancos levaram todos os arcos, flechas e lanças que os bugres, no susto do ataque, tinham abandonado intactos, em depósito, nos cavaletes e, amarrando-os em fardos, prepararam a carga para levá-la como prova da vitória, e todo o restante foi incendiado.

Os cadáveres foram abandonados no chão. Supliquei para ao menos sepultarem Kruro, mas os caçadores de bugres apenas riram, dizendo que para isto os “patifes vermelhos” teriam tempo de sobra.

E assim acompanhei os caçadores brancos no seu regresso, sempre perseguidos pelos bugres que observavam à grande distância os nossos movimentos, pois temendo as armas de fogo, não podiam se aproximar. Estavam sem armas, nada mais poderiam fazer - e aos caçadores isto divertia e sentiam pra-

zer quando, ao longe, ouviam os lamentos e xingações raivosas que os bugres lhes dirigiam. Contudo senti calafrios por todo o corpo quando reconheci a voz de “Água Clara” a gritar:

“Menino achado, filho dos “cocolés”, inimigo e traidor que até assassinou sua própria mãe! Volte e pague com o seu sangue todo o mal que nos fez.”

Não tive culpa do assalto dos brancos, sabia tanto quanto os bugres sobre o ataque, mas nisto não teriam acreditado, pois estavam convictos de que fora eu quem buscara os caçadores brancos para atacá-los. Enfim, o episódio foi mortificante e calou profundamente na minha alma.

Bem, isto é tudo que a história contém e aqui termina. Só posso dizer que não consigo esquecer aquele horrível assalto que me liberou e matou Kruro. Resolvi dali em diante colocar-me a serviço da catequese para ajudar a um dia talvez, levar este povo selvagem, os irmãos de minha inesquecível mãe adotiva, ao convívio pacífico com a civilização. Porém até agora foi tudo em vão, por mais que me esforçasse e gritasse para os bugres, quando próximo encontrávamos sinais de sua presença e nunca recebi uma resposta sequer.

Teriam me reconhecido? Desconfiariam das minhas boas intenções? Ou porventura tratava-se de outro ramo tribal que não entendia a língua na qual eu me expressava? Para estas indagações não tenho resposta.

Contudo não consigo esquecer o passado. Condeno os seus assaltos, desejando que chegue o dia em que lhes seja transmitido um conceito mais humano de vida e que observem a Lei de Deus: “Não matarás”.

Por outro lado não posso concordar com a matança cruel dos botocudos, conforme pregam alguns, porque sempre me torna à memória, com toda nitidez, a derradeira hora que passei entre meus companheiros indígenas. Vejo minha querida Kruro dirigindo-me o seu último olhar quando já atingida mortalmente, e em meus ouvidos ainda ressoa a voz do cacique, me censurando:

“Menino achado, filho dos “cocolés”, inimigo e traidor que até assassinou sua própria mãe! Volte e pague com o seu sangue todo o mal que nos fez.”

Com isso João Baiano encerrou sua história.

“Agora conhecem a vida de Jeremias⁴ e deverão concordar que nada leva ao descrédito do seu relato. E caso um ou outro tópico lhes pareça duvidoso, peço não me responsabilizarem, pois contei precisamente como a ouvi de Jeremias.”

Mas nenhum dos ouvintes disse palavra. Todos escutaram a história com muito interesse e ainda por algum tempo ficaram a olhar pensativos para a fogueira, quando finalmente se recolheram para dormir.

No outro dia, retornaram para o Braço do Sul. Nau⁵ não esqueceu, nesta ocasião, de certificar-se através da antiga planta que Rankow⁶ lhe dera, se as últimas anotações topográficas correspondiam à realidade, comprovando o acerto das observações que este último incluía.

No Braço do Sul, onde os homens foram pagos e despedidos, ficaram só por uma noite, seguindo de volta para Blumenau. Todavia fizeram várias paradas e pequenos desvios, pois Nau queria ainda conhecer a “Velha Colônia”. E assim aconteceu que neste ínterim participaram, de uma “Schützenfest”, o que interessou muito a Nau, vindo a conhecer alguns velhos colonos que ainda passaram os primeiros tempos com o Dr. Blumenau.

Como o pessoal que festejava estivesse com espírito alegre e desinibido, logo se tornaram comunicativos e circularam anedotas dos antigos blumenauenses, como as o do “Schirmonkel” (tio dos guarda-chuvas), do “Zündhütchen” (foguetinho), do “SchwizzerBuchbinder” (encadernador suíço) do “Krischan Pipendeckel” (nome próprio, sem tradução) e outros tipos exóticos.

⁴ **Jeremias:** Jeremias André Gonçalves, intérprete mestiço, trazido em 1877 de São Lourenço, região de Ponta Grossa, no Paraná.

⁵ **Nau** – pseudônimo utilizado pelo autor para referir-se a Karl A. Wettstein, engenheiro alemão que percorreu o Alto Vale e publicou suas impressões na obra “Mit deutschen Kolonistenjungens durch den brasilianischen Urwald” (*Através da floresta brasileira com jovens colonos alemães*), onde narra a excursão na selva nas regiões no alto rio Hercílio.

⁶ **Emil Ramkow** – pseudônimo utilizado pelo autor - José Deeke - para representar a si próprio.

**Carta da
Direção da
Colônia
Blumenau ao
Presidente da
Província
(27/3/1865,
01/4/1865 e
03/7/1865)***



Il.mo e Ex.mo Sr.

Constando-me que neste rio Itajaí- Açú se requestam assinaturas e se pretende a V.Excia. apresentar uma petição, com o fim de solicitar a fundação de uma Colônia Nacional nas terras dos Ribeirões Grande e Pequeno do Gaspar, Freguesia de São Pedro Apóstolo, julgo de meu dever participar a V.Excia. que estas terras pertencem ao território privativo desta colônia, sendo que seu distrito urbano, em grande parte já se acha vendido e povoado e que no distrito rural já procedi aos trabalhos preparatórios para, pouco a pouco, incluí-lo no círculo da efetiva colonização. Estes preparativos, constantes de medições, conveniente divisão ou repartição de sortes de terras e fatura de picadas e caminhos, em dois ou três meses serão acabados e, então, ali poderá comprar as terras quem se sujeitar ao regime da colônia, estabelecido sobre as instruções e ordens em vigor. E não só os imigrantes estrangeiros, como os filhos do país, de que existe um bom número estabelecido na colônia, podem entrar na mesma e adquirir terras, ficando todos com as mesmas e iguais vantagens e obrigações, unicamente exceto as diárias e mais adiantamento, aos quais têm direito somente os imigrantes, recém-chegados de fora do país com família, que não possuem meio algum.

Como, porém desde quatro anos atrás é observada a muito acertada regra, filha das ordens do governo Imperial e sustentada pelos antecessores de V. Excia., de que a colonização sobretudo fique dirigida para os lados de Dona Francisca e da Serra e só nestas partes aos colonos se conceda a venda de terras a prazo, devendo elas serem pagas à vista nos demais distritos, que são os de Gaspar e da Itoupava, tal regra a muitos não agrada, e não querem pagar à vista no

* **Fonte:** Arquivo Histórico José Ferreira da Silva: Fundo Imigração – P02.26 (Doc. 261, 262, 263).

Gaspar, nem estabelecer-se em outras partes à prazo. Contudo, também não faltam compradores à vista para aquela localidade e sendo as terras, ali sitas, de subido valor, em pouco tempo serão vendidas a dinheiro, e isto tanto mais aproveitável não chega nem à metade do que até agora se presumia. Há de assim resultar uma receita líquida que não é para desprezar.

Por todos esses motivos, e como a venda a prazo nos indicados dois distritos desta colônia havia de não só contrariar às ordens existentes e até agora observadas, como também seriamente comprometer e contrariar a futura marcha da colonização e do estabelecimento de novos imigrantes. E, enfim, como é útil para brasileiros e alemães que se estabeleçam misturados, aprendendo e ensinando-se mutuamente, e nisto consiste um dos principais fins da colonização, venho respeitosamente pedir a V. Excia. queira manter em vigor e não alterar as ordens e regras existentes e até agora seguidas por esta direção na venda das terras.

Deus guarde V. Excia.

Exmo. Sr. Dr. Alexandre Rodrigues da Silva Chaves

Dmo. Presidente da Província

O Diretor: Dr. Hermann Blumenau

Colônia Blumenau, 27 de março de 1865.

Il.mo e Ex.mo Sr.

Tendo acabado os negócios concernentes à colônia a meu cargo, venho respeitosamente solicitar a permissão de V. Excia., para, na data de hoje, entrar em gozo da licença de seis meses, com vencimento, que por portaria do Ministério da Agricultura, de 28 de janeiro p.p.me foi concedida.

Outrossim tomo a liberada de pedir a V. Excia. dignar-se mandar expedir as convenientes ordens, para que a gratificação adicional, concedida pelo mesmo Ministério ao guarda-livros da colônia, Hermann Wendeburg, durante sua função de diretor interino, com 800\$000 anuais, fique paga ao procurador seu e meu nesta capital, Fernando Hackradt, com a quantia de 200\$000 pelo corrente trimestre de abril a junho.

Deus guarde a V. Excia.

Desterro, 1º de abril de 1865

Il.mo e Ex.mo Sr.
Dr. Alexandre Rodrigues da Silva Chaves
Dmo. Presidente da Província.
O Diretor da Colônia Blumenau
Dr. Hermann Blumenau

Il.mo e Ex.mo Sr.

Tenho de participar a V. Excia que, há pouco tempo pegou fogo na casa onde está o escritório desta Diretoria e bem que sucedeu apagá-lo depois de algum tempo, contudo foi destruída uma parte da casa e também dois quartos pertencentes ao escritório e que serviam de gabinete ao agrimensor e seu ajudante. Como o local da Diretoria já era muito apertado, falta agora inteiramente o lugar onde o agrimensor possa executar os seus desenhos, sendo isto tanto mais deplorável como o proprietário da casa, Guilherme Friedenreich, por ora não tem os meios necessários para restabelecer os danos causados pelo incêndio. Por isso vejo-me necessitado, rogar muito respeitosamente a V. Excia digne-se conceder-me a quantia de quinhentos mil réis (Rs: 500\$000) como adiantamento para o melhor restabelecimento dos locais nesta Diretoria ao dito G. Friedenreich, quantia que este devia restituir em dois anos e meio pelo aluguel trimensal do escritório, aumentando este aluguel de 30\$000 a 50\$000 por trimestre. Nem existindo nesta Colônia uma própria casa da Diretoria, nem outra casa além da do Sr. Friedenreich que apresente a localidade necessária para o escritório etc. espero que V. Excia esteja persuadido da urgência da minha petição e me favoreça com a realização da mesma concedendo-me a quantia acima, ou autorizando-me adiantá-la nos fundos destinados para esta Colônia.

Deus guarde a V. Excia.
Colônia Blumenau, 3 de julho de 1865
Il.mo e Ex.mo Sr. Francisco José de Oliveira
Dgmº. Presidente da Província.
O Diretor interino
H. Wendeburg

Fragmentos de nossa história local

Impressões do Vale do Itajaí

TEXTO:

PROF. CURY

O Vale do Itajaí é, senão o mais belo, um dos mais interessantes vales do Brasil. O Vale do Paraíba ostenta uma paisagem sui gêneris, emoldurada por chaminés de progresso, esmagado pela mastodôntica Mantiqueira. Terá ele mais beleza que o nosso Vale? Nunca! Aqui há mais poesia. Aqui há algo de diferente, algo que me agrada. Que poesia nestas colinas verdolengas onde nascia o gado divinamente despreocupado como o espírito desta gente. Manchas vagabundas de pluricultura que brincam de fazer tapetes mágicos. Cachos de uvas estalando de maduros. Pencas de frutas como pencas de chumbo caindo de maduras, armando bодоques amarelos de esperança. Ameixas que fazem vir água à boca. Flores em profusão numa sinfonia policrônica. Pássaros em algaravia confusa de vozes. Libélulas mortas de sono. Cigarras atômica-mente cheias de canto... E, lá embaixo, o rio descabeçando-se nos teclados das pedras cantando a canção sempiterna do progresso, a canção da terra, embora haja o contrabaixo e pesadão, dizendo-nos que o progresso vai para frente metódico e certo...

Visitei, Domingo, Rio do Sul. Claro que viajei de trem. A melhor viagem, podem ter certeza, meus amigos, a melhor viagem: confortável e divertida. A nossa Estrada de Ferro Santa Catarina mereceu os parabéns. Baratíssima, amável, uma amizade a correr sobre trilhos, em pleno Vale do Itajaí. O trem estava superlotado. Viajantes despreocupados e satisfeitos, coisa que não se observa na Central do Brasil, onde os pas-

* Fonte: Jornal Cidade de Blumenau, de 11 de março de 1960 – Coluna “Crônica da Semana”.

sageiros parecem que vão tirar o pai da força e só sabem reclamar.

Somos uma civilização à parte, parabenizemo-nos a nós mesmos, porque assim somos felizes. A única ressalva a se fazer seria de chamar-se a atenção aos choferes de caminhão que não têm um pinga de humanismo. Gostam de fazer poeira para sufocar os quinhentos viajantes. E os desgraçados são tão sem-vergonha que diminuem a marcha só para acompanhar uns metros na frente o trem, principalmente quando a ferrovia e a estrada de rodagem estão lado a lado. Imaginem, meus leitores, as nuvens enormes de poeira. Que falta de humanismo! Que falta de formação social! Uma aberração! E ainda por luxo mostram um sorriso frio tirado a canivete. E dizer-se que o trem não pode aumentar a marcha, claro, tem responsabilidade, leva passageiros demais! Bem, tolíce querer chamar atenção aos choferes de caminhão, seria perder tempo. Fora este inconveniente, a viagem de trem é das melhores. Rio do Sul sentada pancudamente no planalto, assemelhando-se ao heróico bandeirante que chegou ao fim da viagem e armou soberbamente sua tenda escrevendo nela: vida e progresso! Não podemos comparar a cidade de Rio do Sul com a nossa Blumenau. A nossa Blumenau é uma exceção em Santa Catarina e dificilmente outra cidade barriga-verde lhe pode ser comparada. Não sou bairrista, vou dizendo desde logo, só que seria fechar os olhos à realidade não ver Blumenau como o maior foco de progresso do Estado. Blumenau será infalivelmente a Babel do futuro barriga-verde...

Afora esta imagem de bandeirante, Rio do Sul nos apresenta a sua igreja. Monumento da fé... Torres gigantescas a apunhalar o céu. Bloco imenso de tijolos amontoados entre o estilo barroco, romano, só faltando os barbacãs da Idade-Média. Tive a impressão de que o modernismo chocou-se naqueles paredões e caiu de joelhos. O templo não reproduz em absoluto o progresso da cidade... é alguma coisa de fé inconcussa, mas reproduzida em maquetes européias... é pena!

A imagem da auxiliadora lá do alto, lembrou-me a viagem de Atenas lançando ao vento suas madeias, deslizando os azulinos de seu manto à brisa de ciência da velha Grécia. A imagem-monstro do Cristo, juro que estava a me dizer: não só de pão vive o homem!

O Salão Mielke (Jaraguá do Sul – déc. 20)

TEXTO:

SIEGFRIED
CARLOS
WAHLE*



As colônias e os subúrbios das cidades de Santa Catarina, onde dominava a descendência alemã, invariavelmente possuíam o seu salão de baile, podendo ser parte de um negócio colonial, e geralmente anexo a uma sociedade de atiradores. Nunca faltava o mezanino para proteger da chuva e do sol as carroças e cavalos de montaria estacionados na frente do salão. Internamente eram dotados de um palco, que servia tanto para representações teatrais como posicionar a banda de música para animar o baile, e o bar (Kneipe) com seu sortimento de bebidas, onde nunca faltava a famosa mistura de capilé (xarope de framboesa) com vermute. Dependendo da finalidade, havia uma loja de produtos agrícolas.

Em Jaraguá do Sul, depois de atravessada a ponte sobre o rio Itapocú, aproximadamente 1 km em direção a Guaramirim, antiga Bananal, ficava a área do clã dos Mielke. O Salão Mielke de propriedade do Sr. Augusto Mielke, ficava em frente da casa de secos e molhados do Sr. May. Em seguida vinha o açougue e as casas dos dois filhos casados. Do mesmo lado da rua ficavam a residência e oficina de alambiques de cobre do genro, Sr. Frederico Moeller e sua fábrica de velas, fornos para produzir carvão e a oficina de marcenaria. Do outro lado da rua ficavam a residência e oficina de alambiques de cobre do genro, Sr. Hindelmeyer. A casa do Sr. Augusto Mielke ficava situada dentro de um arvoredo constituído de jabuticabeiras e figueiras. Em continuação ainda ficava uma fábrica de guarda-chuvas e uma de refrigerantes.

* Colaborador da Revista "Blumenau em Cadernos".

O salão fora arrendado ao Sr. Blank, que o explorava como uma venda, onde promovia bailes públicos e matinês para crianças aos domingos à tarde.

Em Presidente Ramos, antiga Retorcida, morava a Sra. Stern que explorava produtos hortigrangeiros, não só de produção própria como também os comprava de outras hortas. Estes produtos eram levados a São Francisco do Sul, para suprimento de navios transatlânticos. O filho da Sra. Stern tinha ido a Buenos Aires, onde freqüentava um ginásio para prática de boxe. Chegou a ficar conhecido e passou a ser treinador (sparring) do campeão argentino Firpo “conhecido como touro dos pampas”. Quando este foi a Nova York para disputar o campeonato mundial com Jack Dempsey, Stern o acompanhou. Durante a luta chegou a lançar Jack Dempsey para fora do Ringue. Porém, Firpo perdeu a luta. No retorno para Buenos Aires, Stern desembarcou em São Francisco do Sul e voltando para a casa da mãe, passou a ajudá-la. Como tornara-se amigo de Blank em Jaraguá, passaram a fazer lutas de exibição de boxe uma vez por mês aos domingos à tarde. Stern porém, além das lutas de exibição, também ajudava ao Sr. Blank nos outros domingos, quando trazia para o salão um projetor de 8mm, para exhibir filmes mudos, cobrando 500 réis por pessoa. Passavam filmes cômicos do Chico Bóia, Carlitos e outros cômicos da época. Porém o mais apreciado era o cowboy mais notável da época, conhecido por Tom Mix.

Uma vez por mês, aos sábados à noite, havia o famoso baile público, animado por uma banda de instrumentos de sopro e um bandoneon. Como o Sr. Augusto Mielke também era o delegado de polícia de Jaraguá do Sul, providenciava um policial fardado, para tomar conta dos eventuais excessos dos amantes do álcool. Este baile geralmente prolongava-se até às 3-4 horas da madrugada.

Como o movimento do salão começou diminuir muito na época da Revolução de 30, e devido à crise mundial que assolava o mundo, deixou de haver interesse pelo mesmo e este deixou de funcionar.

**aimar
Kã-Mrem***

TEXTO:

**ORDA ALICE
LUEGER***

**BLUMENAU
em Cadernos**

Hoje conheci o senhor Aimar Kã-Mrem, e ainda estou emocionada por ter tido a oportunidade. Quem é ele? Um artista do cinema internacional, um famoso cientista estrangeiro? Nada disso, Kã-Mrem é genuinamente catarinense, mais genuinamente catari-nense do que qualquer um que esteja lendo este texto e, apesar de falar corretamente o português, na sua casa ainda fala a antiga língua que era falada em Santa Cata-rina antes de Cabral e do Dr. Blumenau, da qual mal e mal ouvimos breve referência no tempo da escola.

Teria eu ido a um congresso de antropologia, ou a uma palestra sobre a FUNAI? Não, eu estava sen-tada à minha mesa no banco onde trabalhava, e ele apa-receu lá. Era um senhor bem vestido, de porte digno, com pouco mais de 60 anos e, à primeira vista, achei que o seu rosto asiático se devia a alguma mestiçagem com japônês. Dirigiu-se a mim com a educação de um japonês, e seu português era correto e fluente, e eu nun-ca pensaria que aquele era um dos legítimos herdeiros do povo Xokleng, descendente direto dos seus caciques. Ele queria saber como se fazia para abrir uma caderneta de poupança. Expliquei-lhe e, ainda achando que estava lidando com descendente de japoneses, pedi-lhe os seus documentos. E quando ele me deu a Carteira de Identi-dade, amoleci por dentro, me arrepiei: aquele homem era a História e a Imaginação, o Passado e a Tragédia. Tenho certeza de que ele não entenderia se eu lhe dis-sesse tudo isto, e não lhe disse, mas confirmei:

- O senhor é descendente do cacique Kam-Rem?

Ele era neto.

Deixem-me explicar a minha emoção.

Lá por 1988 eu passei quatro meses estudando tudo o que encontrei sobre o povo Xokleng, os primiti-vos habitantes da nossa terra de Santa Catarina, povo formado de bravos que se negaram ao extermínio e à amizade corrupta do branco durante quatro séculos. Foi

* Escritora e membro da Academia Catarinense de Letras.

só na segunda década deste século que Eduardo de Lima e Silva Hoerhan, neto de Duque de Caxias e seguidor da filosofia do Marechal Rondon ("Morrer, se for necessário; matar, nunca!"), conseguiu a amizade da tribo arredia, amizade conquistada às custas de muita música de gramofone tocada sob as arcadas da floresta da região de Ibirama/SC. A música criou os primeiros laços; Eduardo cuidou do resto, e, aldeando a tribo, impediu o seu extermínio, já que, na ocasião, tínhamos um genocídio institucionalizado em toda a região, genocídio que chegou aos tribunais internacionais e foi condenado pelo mundo. Dei apenas linhas mais gerais do que aprendi sobre os Xoklengs – aprendi muito mais, precisava de dados para escrever o capítulo inicial do meu livro "Cruzeiro do Sul", romance que conta a formação do povo catarinense. E lembro muito bem de que, na época da pacificação, o cacique dos Xoklengs chamava-se Kam-Rem.

Em cima do verdadeiro cacique Kam-Rem criei o meu personagem Kam-Rem, o cacique do povo Xokleng 300 anos antes, um imaginário cacique calcado num cacique real. A grafia dos nomes difere da do homem que conheci hoje, mas o som é o mesmo, e meu coração se acelerou de curiosidade e magia. Ele era nascido em Ibirama, em 1932, e era filho de Kundagn Yupliu e Rosa Káv-Vân Priprá, este último, também velho nome tribal que eu conhecia. Não podia haver dúvidas de que ele era um neto ilustre, que descendia dos antigos príncipes desta nossa terra, e puxei conversa sem complicar demais (acho que ele não iria entender se eu lhe falasse que era romancista e essas coisas assim). Perguntei-lhe se conhecera o polêmico Eduardo, e o que pensava dele. Sim, conhecera e gostara de Eduardo, quis saber se eu o conhecera também. Não, eu não tivera o prazer, apenas lera sobre Eduardo de Lima e Silva Hoerhan em livros, e o olhar inteligente de Aimar Kã-Mrem me confirmou que ele entendia que se pudesse aprender tais coisas em livros. Quis saber se ele chegara a morar no mato, no tempo em que os Xoklengs continuavam semi-nômades. Não, ele não morara. Nascera quase vinte anos depois que a tribo tinha sido "amansada" (foi ele quem usou a expressão que acho aviltante), e sempre morara no aldeamento ou na cidade. Na verdade, ele demonstrava ter sido uma excelente educação à la européia, inclusive razoável educação escolar, e seu porte era o porte digno de um homem de mais de 60 anos que se sente ajustado à sociedade em que vive.

Eu acabara de abrir a sua caderneta de poupança, e ele tinha que ir-se. Pedi-lhe que me procurasse quando voltasse ao banco. E ele se foi, sem imaginar as emoções que desencadeara em mim. Fiquei observando-o dirigir-se para a rua, com sua camisa xadrez e sua calça jeans – parecia-me mais um japonês alto do que um herdeiro de príncipes ameríndios. Aimar Kã-Mrem era inteligente, mas, com certeza, não sabia do seu valor como herdeiro da História.

A crítica
Literária não
viu o quarteto

Texto:

THEOBALDO
COSTA
JAMUNDÁ*

1- Adolfo Konder não avaliado

O Autoritarismo da Revolução de 1930 abafou todos os valores dos Konder: Marcos, Adolfo, Arno (diplomata) e Victor de vida blumenauense na política e na advocacia. A bancada política na qual Adolfo militou, aqui e ali aparece comandada. É entretanto sem crítica literária o orador que encarnou no grupo, nacionalmente, mais destacado. No dito não oferece como prova a matéria que está reunida no livro de 124 páginas intitulado **"Programa de Governo"** (Florianópolis - SC, 1926). Ser orador como os melhores reunidos na Câmara dos Deputados e pelos discursos ali pronunciados, entre eles três: (1) O pronunciado na Sessão de 09.02.1934, fala explicativa pessoal como um dos constituintes e dominado de postura crítica e sustentado por convicção desafiadora (é um discurso de sabença política em alto nível, uma vez que deste nunca resvalou ou se ausentou).

Elegante porém postado na altivez só vencida pela morte (natural nos humanos), disse levantando argumentação: *"Se não é bem um deserto de homens e de idéias, na divulgada frase do envolvente Ex-leader da maioria, contudo muito se assemelha, por imprópria à floração de imagens e entusiasmos oratórios e inadequada à vibração das causas apaixonam. A ilustre Assembléia fará, pois, o favor de ouvir-me pacientemente, resignadamente."*

E como se prelesionasse para audiência de alunos, disse: *"Argumentando e provando, srs. Constituintes, passarei a ler os textos das constitui-*

* Sócio emérito do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e Cadeira nº. 5 da Academia Catarinense de Letras e benemérito da Fundação Cultural de Blumenau.

ções modernas que nos podem servir de exemplo, modelo e espelho.” E coerente passou a comentar Constituições depois de fazer referência ao **“Pacto de Weimar”**.

Já no discurso aqui selecionado como o segundo dos três: (2) É puro e autêntico o dominado pelo amor telúrico a dizer e a Câmara dos Deputados em silêncio ouvindo: *“Sr. Presidente, para comemorar o 75º aniversário da colonização alemã e, ao mesmo tempo, o 50º aniversário da colonização italiana em Santa Catarina, realizaram-se, há dias, por iniciativa do Governo do Estado (Diz Walter F. Piazza: ‘então o deputado estadual Antonio Vicente Bulcão Viana – Bahia 1875 - Ilha de SC., 1940 – governava Santa Catarina’) importantes festejos, cujos ecos, simpáticos e ruidosos nos chegam através do noticiário, sempre solícito, da imprensa carioca.”*

Tome-se na informação que, a Imprensa Carioca era a mais ativa e instalada no Rio de Janeiro capital da República. E com a autoridade de conhecimento do universo catarina, Adolfo Konder depõe: *“Ação cultural do alemão e do italiano no sul do Brasil”, (...) “é o testado altíssimo das virtudes, das energias sem par de dois povos que constituem, sem favor, legítimo padrão de orgulho da espécie humana.”*

Quem sabe sobre os de Itajaí, SC., da família Konder, sabe também que a árvore genealógica deles tem raiz-mestra no consórcio de uma Flores com um Konder.

E assim este Adolfo Konder (Itajaí, SC., 16.02.1884 - Rio de Janeiro, RJ., 24.09.1956) bacharel em Direito da pioneira Faculdade de Direito da cidade de São Paulo, SP., turma de 1907 expressou como os irmãos expressaram a sensibilidade catarinensista telúrica. Alcançou destaque e com ele imortalizou-se no grupo dos oradores onde estão: Edmundo da Luz Pinto (1898-1963), Nereu Ramos (1888-1958) e Jorge Lacerda (1914-1958) nunca ultrapassados catarinensistas os irmãos Konder, imagina-se terem conferido ao irmão Adolfo ser o que falava por todos. Tal imaginação é metafórica porém Adolfo Konder falando na Câmara dos Deputados (Sessão de 21.10.1924) sobre o governador de Santa Catarina, falecido Hercílio Pedro da Luz, é o artesão da palavra; castiço na linguagem, conciso na carpintaria da redação.

Entre os deputados ouvintes estavam o gaúcho Getúlio Vargas (1883-1954) e o baiano João Mangabeira (1880-1964) estes também viventes e conviventes envolvidos nos atos e fatos, grandes e pequenos da História Política Brasileira, exatamente como o catarina Adolfo Konder.

Adolfo no necrológio de Hercílio estava contagiado de emoção. E foi essa que lhe deu o roteiro da peça literária, que deveria ser página de leitura nas escolas. Aqui filigranas tomadas como notas interessantes para o esboço de roteiro de um filme. Rer não cansa e é dever: *“Nasceu Hercílio Luz em lar farto e fidalgo”(…) “lhe corria nas veias o sangue generoso dos Luzes”(…) “desde o alvorecer da nossa independência, é que herdara a sólida enfiatura moral do velho Neves seu avô materno, paulista da era dos Bandeirantes,”(…) “cedendo ao impulso irreprimível do seu temperamento, ingressou cedo no campo aspérrimo da política, onde em decênios de lutas, travadas sempre na vanguarda, entre os primeiros combatentes, havia de colher uma farta messe de ruidosos triunfos,(…)”*

2. Provas subsidiadoras sobre ser o Deputado Adolfo Konder respeitável seja:

(1) Na política que praticou; (2) E na manifestação dos dotes intelectuais incomuns; (3) Linguagem literária castiça; (4) Conhecimento da língua vernácula e às vezes, com artesanias; (5) O estilo por ele oferecido denunciava-o como leitor de leituras e leituras.

Prova I: O deputado Getúlio Vargas aparteado pelo deputado Adolfo Konder:

“O Sr. Adolfo Konder (pela ordem) - Sr. Presidente. Venho trazer a modesta contribuição da minha palavra e o apoio do meu voto e dos votos da bancada catarinense à moção que o eminente leader desta Casa acaba de apresentar formulando as congratulações da Câmara com o Sr. Presidente da República e com os Presidentes e os Governadores dos Estados da federação, pelo restabelecimento da ordem constitucional na capital do Estado de São Paulo.

‘O silêncio, predicado e praticado a favor do crime, escreveu-o um insígnio pensador sulamericano, é o mais nefando apostolado de ignominia, a mais cobarde exaltação das victórias malditas e o maior ultraje que a fraqueza, feita cumplicidade, pode fazer a Virtude e a Lei.’ (Muito bem)

E nunca, como na hora presente, foi preciso bradar mais alto contra os assomos e a arrogância do crime que, ainda agora, tentou afirmar-se nesse motim, sem fôlego e sem ideal, que a desmarcada ambição de um punhado de soldados desencadeou na formosa capital paulista.

Sim, é preciso bradar bem alto a nossa condenação desse atentado inverosímil feito aos nosso foros de povo civilizado, para que, no silêncio e com o silêncio dos bons, o mal não deite raízes, abrindo, em ambientes de fraquezas e de misérias, a basta fronde das suas forças tenebrosas. (Muito bem.)

Nos momentos como este, falar é, pois, um dever! (Muito bem.)

Só assim se explica, Sr. Presidente, e só assim se justifica que, depois de ter a Câmara ouvido a voz eloqüentíssima dos mestres da palavra falada, tenha eu a ousadia de falar-lhe também, (não apoiados), submetendo-a à tortura de ouvir-me. (Cf. Anais da Câmara, v.05. Sessão de 29.07.1924)

Prova II: “O futuro do município de Cruzeiro

Senhores

As conquistas da civilização representam os triunfos sucessivos do homem na luta contra as fatalidades da natureza.

Acode-me à memória esta observação de um dos mais notáveis psicólogos franceses, ao recordar os episódios de difícil fundação e do rápido desenvolvimento de Cruzeiro.

Para implantar aqui, neste sertão áspero e remoto, a sementeira do progresso, foi preciso dominar fatalidades de toda espécie(...)

Mas, graças ao bom senso das minorias dirigentes, graças à ação civilizadora de correntes imigratórias sadias, graças, em grande parte, à orientação sábia e avisada, impressa aos negócios do município e à política, pelo meu dileto amigo, sr. Cel. Passos Maia, superintendente municipal, todas essas fatalidades, exceto a geográfica, que pode também ser suavizada, com o rebaixamento do preço de transporte para a produção colhida, já estão hoje julgadas vencidas.(...)

No firmamento político de Santa Catarina, este município já se destaca como uma das constelações de mais fulgor, competindo-lhe representar um dia, no ex-Contestado, o papel que Blumenau vai cumprindo no planalto abaixo: a liderança econômica da região dominada.(...)”

Referências:

1°. Cruzeiro (1917), 2°. Cruzeiro do Sul (1928) e em 1943 o topônimo Joaçaba (Cf. Enciclopédia dos Municípios Brasileiros p. 199 e também os álbuns comemorativos dos transcurso dos cinqüentenários de Joaçaba e de Chapecó. O primeiro no espaço de 25.08.1917/1967; e o segundo: 1917-1967. Em ambos é encontrada a liderança destacada do coronel Manoel Passos Maia. Quem também é encontrado por aquelas bandas, quando topônimo Cruzeiro identificava o endereço foi o historiógrafo José Ferreira da Silva

exercendo o ofício de mestre-escola. O salto descendo para Blumenau veio depois.

Prova III:

“Um protesto e um apelo

Meus senhores,

A defesa da mata!

O reflorestamento da terra!

Um protesto e um apelo!

Protesto e apelo que deixei feitos, em discurso pronunciado na cidade de Joinville, quando do regresso da minha excursão ao ex-Contestado.

Impressionou-me sobremodo a incrível e crescente devastação das matas nas regiões percorridas: - em razzia louca, o machado e o fogo ali a consumir as florestas seculares de pinheiros e imbuías, comprometendo até o regime climatérico, a riqueza em águas e a uberdade do solo – estanques as fontes, árida a terra, e o deserto a estender-se em chaga corrosiva.

Daí, esta reunião, a conferência dos madeireiros, que significa o começo da campanha prevista.

Resolvi apelar para a boa vontade e a cooperação de quantos trabalham na indústria madeireira e confio à competência e ao patriotismo dos que aqui se acham reunidos, a solução do problema em apreço.

Homens práticos, homens experimentados, haveis de, por certo, resolver bem e judiciosamente. Não é de ideologismo que precisamos, mas de medidas práticas e de providências exequíveis.

A usura da mata, o reflorestamento do território e a disciplina da indústria – eis o programa da presente conferência.

Sobre estes pontos deveis opinar, fornecendo ao poder legislativo alvitre e conselhos que, consubstanciados em lei, atendam à multiplicidade dos interesses em jogo.

É o que precisamente pretendemos fazer aqui, coibindo os abusos observados.

Defendendo a floresta contra a sanha do machado e da ulceração do fogo, teremos defendido o cabedal coletivo; teremos defendido o nosso futuro, teremos defendido o futuro da nossa terra e da nossa gente.

É senhores meus, teremos sobretudo e unicamente, cumprido o nosso dever.”

Esta fala tão esquecida como o é também esquecido governador Adolfo Konder, foi pronunciada em Joinville, SC., a 16.08.1928. Quando agosto deste 1999 chegar terá 71 anos. Jornal, rádio e televisão deste fim de século dizem a **Floresta Brasileira** em cada anoitecer é menor. E esta diminuição diária se deve à competência amazônica do **destruidor**; dispõe de engenhada mecânica operante como ilimitadamente funciona. – O machado de 1928 é arcaico! – O destruidor atualizado tem todos os recursos da engenharia destruidora de florestas e atua em pleno meio-dia.

(Aqui entre nós: o livro de leitura de minha escola recifense ensinava “A Mata de pinheiros começa em Minas Gerais”). – Em Passa Quatro, MG., vi alguns solitários em fazendas do sopé da Mantiqueira. Às vezes aproximado de porteira ou de mujolo.

Prova IV:

“O êxito de uma vida

Não era seu propósito falar. As palavras, no entanto, de Frei Ernesto, haviam-lhe chegado ao coração, e daí a razão por que modificara seu propósito. Não o fazia apenas por uma questão de sentimento. Tinha mesmo a franqueza de declarar, que não conservava saudades dos seus dias de menino, passado naquela casa. Desses dias distantes, que iam pouco e pouco se esbatendo de sua memória, não tinha nada a dizer. Daí por diante é que a sua vida se tinha processado numa ascensão constante.

Devo muito e muito aos ensinamentos colhidos no Colégio Santo Antônio. A minha formação, os meus sucessos na vida pública, são em grande parte a ele devidos, sucessos, valha a verdade, que não foram obra do acaso, e sim, o prêmio do trabalho e da conquista de uma vontade firme.”

Era o dia 15 de agosto de 1927, para o Colégio Franciscano Santo Antônio dia maior, pois o seu ex-aluno em carne e osso como governador dos catarinenses o visitava.

Referenciamento bibliográfico:

As provas II, III e IV são extraídas dos discursos de Adolfo Konder. Discursos e Alocuções (Edição da Livraria Central, Florianópolis, SC)

COROAMENTO

- Coroamento
- Um Poeta Esquecido

Texto:

**ENÉAS
ATHANÁZIO***



Coroando as comemorações do centenário da morte de Cruz e Sousa (1861/1898), quatro importantes livros sobre o Cisne Negro acabam de ser dados a público. O primeiro deles é “Cruz e Sousa e o Movimento Simbolista no Brasil” (Universidade Federal do Ceará/Fundação Franklin Cascaes – 1998), de autoria de Abelardo F. Montenegro, conhecido escritor cearense. Trata-se de um ensaio denso e minucioso, analisando exaustivamente todos os aspectos do simbolismo do poeta e suas relações com o mar, a morte e a transcendentalização. Livro que sai em terceira edição, aumentada, com prefácio de Dimas Macedo, e que Nereu Corrêa considerou “um livro forte”.

O segundo é “Cruz e Sousa em a Companhia Dramática Julieta dos Santos e o Meio Intelectual Desterrense”(Fundação Franklin Cascaes – 1998), de Henrique Fontes. Coletânea de ensaios com organização e introdução de Zilma Gesser Nunes, com notas biográficas e algumas cartas do autor. Tem o duplo mérito de recuperar textos importantes de Cruz e Sousa e colocar Henrique Fontes, autor que andava esquecido, ao alcance dos leitores.

O terceiro é “Cruz e Sousa e o Rio Grande do Sul” (Edição da Comissão Estadual de Celebração do Centenário da Morte de Cruz e Sousa – 1998), de autoria de Rodrigues Till, publicado em segunda edição, acrescido de quatro capítulos. Rastreia as relações do poeta com o Estado vizinho, onde teve em Alcêu Wamosy seu mais ardente admirador. Livro bem escrito e fundamentado.

“Cruz e Sousa, o Desterro do Corpo” (Edição da Assembléia Legislativa de Santa Catarina – 1997), de Antônio Carlos Secchin. Contém a confe-

* Escritor e advogado.

rência proferida pelo autor por ocasião da abertura do Ano Cruz e Sousa, em 5 de agosto de 1997. Trabalho sucinto mas que contém interessantes abordagens.

UM POETA ESQUECIDO

Nos meus tempos de acadêmico, na bucólica Florianópolis de então, um poeta de fora rivalizava com os da terra na preferência dos estudantes e frequentadores das rodas de boemia literária que se formavam nos bares do Miramar ou da Felipe Schmidt. Seus poemas eram conhecidos e admirados pela beleza suave que os impregnava e pela perfeição de forma, sempre impecável.

Meu amigo Natan Zilef, conhecido como “Beduíno”, não apenas pela ascendência árabe, mas também porque vivia flinando por todos os cantos da cidade, foi um dos maiores devotos do poeta, cujo culto divulgava com convicção. Conhecia de cor muitos de seus poemas, aqueles a que teve acesso, declamando-os com grande sentimento, numa voz agradável e que punha em realce as nuances do poema. Declamador requintado, mais de uma vez Natan disse esses poemas num programa literário que nosso grupo apresentava através da Rádio Diário da Manhã, emissora que se proclamava a mais poderosa do Estado. O “Beduíno” tinha especial predileção pelo soneto “Saudade”, que recitava com emoção e que se tornou muito popular na Ilha.

Refiro-me ao poeta mineiro Geraldo Serrano Neves, hoje em completo ostracismo, e sobre quem nada leio há muitos anos na imprensa e nos suplementos literários. Segundo as palavras frias do verbete que lhe foi destinado na “Enciclopédia de Literatura Brasileira”, de Afrânio Coutinho e J. Galante de Sousa, ele nasceu em 1907, em dia não precisado, e faleceu em 27 de julho de 1961, tendo vivido pouco, apenas 54 anos. Nascido em São João Nepomuceno, cidade serrana distante cerca de duzentos quilômetros da Capital, veio a falecer em Belo Horizonte, onde exerceu a advocacia, produziu trabalhos de cunho jurídico e colaborou em periódicos, pouco mais se sabendo a respeito do talentoso poeta. Consta ainda que teria escrito novelas, embora minha diligente procura não me levasse a qualquer delas, o que saciaria uma velha curiosidade minha. Publicou um único livro de versos, reunindo sua melhor produção, intitulado “Você”, no qual nunca pude pôr a mão, apesar do empenho de amigos bibliófilos e sebastas. Foi colaborador da revista “Alterosa”, onde costumávamos encontrar seus poemas, inclusive o célebre “Saudade”, belamente ilustrado pelo artista plástico José Corrêa Moura, autor de retratos a bico-de-pena de Godofredo Rangel e outras personalidades, tendo sido também ilustrador do “Estado de Minas.”

Para lembrar o saudoso poeta, coloquei-o na minha novela “São Roque da Ventania”, de 1993. Nela a personagem Trudi é fascinada pela poesia de Neves, sobre quem procurava, sem sucesso, saber algo mais, e vivia a declamar o referido soneto. Como tantos outros escritores brasileiros, Geraldo Serrano Neves precisa ser tirado do ostracismo e trazido outra vez para os amigos da boa poesia. Ensaaios, artigos, depoimentos, e, quem sabe, uma nova edição de “Você”, poderiam reabilitá-lo com justiça, colocando sua poesia na boca do povo. Com esse propósito escrevi estas notas, encerrando-as com a transcrição de “Saudade”, homenageando ao mesmo tempo o poeta e meu amigo Natan Zilef, ambos “estudando a geologia do campo santo” porque “já passaram para o outro lado do mistério” – como dizia mestre Machado.

SAUDADE

Saudade de um amor que nunca tive;
Saudade de alguém que nem me vê;
Saudade imensa que em meu peito vive,
Essa saudade imensa de você...

Agora, já dos anos no declive,
Quando minh'alma em quase nada crê,
Cada dia que passa, mais revive
Essa saudade imensa de você...

Saudade dos passeios que não demos,
Dos colóquios de amor que não tivemos,
Dos beijos que você nunca me deu;

Da vida linda que não desfrutamos,
Das doces juras que nós não trocamos...
Saudade de um amor que não foi meu...

Desejando receber números antigos, tomos completos, ou fazer nova assinatura / renovação, procure-nos. Abaixo informamos nossos preços:

-) Assinatura nova: R\$ 50,00 (anual=11 números)
-) Renovação assinatura: R\$ 40,00 (anual=11 números)
-) Tomos anteriores (Encadernados com capa dura): R\$ 60,00
-) Exemplos avulsos: R\$ 5,00 (Cada exemplar/número antigo)

✂

☒ Sim, desejo assinar a revista "Blumenau em Cadernos para o ano de 1999 (Tomo 40). Anexo a este cupom a quantia de R\$,00 (..... reais) conforme opção de pagamento abaixo:

✂

Forma de pagamento:

☐ Vale Postal (Favor anexar fotocópia do comprovante para melhor identificação)

☐ Cheque

Banco:

Número:

Valor: R\$

Dados do assinante:

Nome:

Endereço:

Bairro: Caixa Postal:

CEP: - Fone p/ contato:

Cidade: Estado:

✂

.....

Assinatura

Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"

Caixa Postal: 425 - Fone: (047) 326-6990

Cep.: 89015-010 - Blumenau (SC)

Apoio Cultural:

Annemarie Fouquet Schünke

Benjamim Margarida (*in memoriam*)

Genésio Deschamps

Mark Deeke

Victória Sievert

Willy Sievert (*in memoriam*)

Buschle & Lepper S/A

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A

Eletro Aço Altona S/A

Hering Têxtil S/A

Herwig Schimizu Arquitetos Associados

Madeiraira Odebrecht

Transformadores Mega Ltda.

Unimed Blumenau



TOMO XL
Abril de 1999 - Nº. 04





Na região de Blumenau os piqueniques, além do significado de lazer e entretenimento, representavam um verdadeiro encontro social.

Vestidas com roupas de domingo, dezenas de pessoas de várias idades, ao som de uma banda musical desfrutavam, ao ar livre, das belezas naturais da região. Era uma prática que fazia parte da cultura regional, objetivando o divertimento e a integração da comunidade.

